

SENATVS POPVLVSQ
IMP CAESARI DIVINE
TRAIANO AVG GERM

César Francisco Raymundo



A Igreja Primitiva e o Fim do Mundo

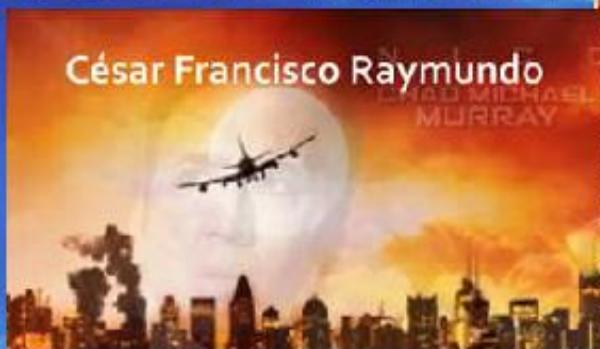
Uma refutação da ideia de que a
Igreja Primitiva desconhecia o Preterismo

Revista Cristã
Última Chamada

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

ANDREW MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

A igreja primitiva e o fim do mundo

**Uma refutação da ideia de que a
igreja primitiva desconhecia o Preterismo**

César Francisco Raymundo

**- Revista Cristã Última Chamada -
- Edição Especial Nº 027 -**

Capa: imagem da internet.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

- 2ª edição -

**Revista Cristã
Última Chamada**

Periódico *Revista Cristã Última Chamada*, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina - Paraná

1ª edição de Novembro de 2016

2ª edição de Novembro de 2019

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Índice

Sobre o Autor.....	09
Significado dos termos usados nesta obra.....	10
Apresentação.....	12
Considerações iniciais e agradecimentos	14
Introdução	
– <i>O que é o Fim do Mundo?</i> –	16
Capítulo 1_____	
Os primeiros discípulos judeus e a ressurreição.....	17
Capítulo 2_____	
A Segunda Vinda de Cristo é associada a ressurreição dos mortos.....	19
• A igreja primitiva esperava pela Segunda Vinda de Cristo em seus dias?.....	23
Capítulo 3_____	
O que os primitivos cristãos pensavam sobre o fim do mundo?.....	28
• O fim de todas as coisas está próximo.....	29

• Os escarnecedores dos últimos dias...	31
• Houve céus bem como terra.... os céus que agora existem e a terra.....	32
• A mudança do centro Redentor.....	34
• O perigo de uma interpretação baseada no ensino dos Pais da igreja.....	35
• O perigo do minimalismo bíblico.....	38
Capítulo 4 _____	
A prova do Evangelho.....	41
• O desaparecimento da Antiga Aliança..	42
Capítulo 5 _____	
Eusébio de Cesaréia e a sua defesa do Preterismo como Prova do Evangelho.....	44
• Eusébio e a interpretação sobre o Abominável da desolação.....	45
Capítulo 6 _____	
O Preterismo entre os escritores do primeiro século.....	49
• As evidências fornecidas pelo Didaquê	50
• Evidências a partir de Clemente romano	51
• A declaração de Tiago, irmão de Jesus.....	53
Capítulo 7 _____	
O Pré-milenismo na igreja primitiva.....	55
• Os escritos dos Pais da igreja que foram traduzidos são apenas um grão de areia no oceano.....	57

- Supostas provas de Pré-milenismo nos Pais da igreja..... 58
- O Pré-milenismo em Papias..... 59
- O Pré-milenismo na epístola de Barnabé 60
- O Pré-milenismo nos escritos São Irineu 61
- O Pré-milenismo nos escritos de Tertuliano..... 62
- O Pré-milenismo de Justino Mártir..... 63
- Conclusão deste Capítulo..... 65

Capítulo 8 _____

- O Sermão do Monte na cristandade Antiga e Medieval..... 66
- A doutrina da iminência nos Pais da igreja..... 66
 - Mateus capítulo 24 e a interpretação preterista na antiguidade..... 68
 - Luís de Alcazar e a interpretação preterista 69
 - Mateus capítulo 24 interpretado pelos escritores medievais..... 71
 - O que outros escritores medievais falaram sobre Mateus 24..... 75
 - A opinião dos antigos escritores medievais sobre a frase “*não passará esta geração*”... 77

- A vinda do Senhor em Mateus 24:27-51
segundo os antigos escritores medievais... 78

Capítulo 9_____

A destruição de Jerusalém na antiga interpretação
de Atos 2:19-27..... 80

Capítulo 10_____

Somente a Escritura!..... 84

Conclusão..... 86

Textos bíblicos com referência temporal..... 87

Obras importantes para pesquisa..... 88

Bibliografia..... 91

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Significado dos termos usados nesta obra

Dispensacionalismo, dispensacionalista – É uma nova abordagem para o estudo da Bíblia que divide a Escritura em sete divisões ou “dispensações”, sendo cada uma das quais uma distinta da outra. O dispensacionalismo foi popularizado pelas notas encontradas na Bíblia de Referência *Scofield* publicada pela primeira vez em 1909 pela Imprensa da Universidade de Oxford. A única característica do dispensacionalismo é que Deus tem dois planos de redenção, um para a Igreja e outro para o Israel étnico. Este duplo plano redentor exige um “arrebatamento” da igreja antes que Deus que trate especificamente com Israel novamente durante um período de sete anos de tribulação.*

Escatologia - Esta palavra é derivada a partir da palavra grega *eschatos* e refere-se ao estudo das “últimas coisas” ou “fim dos tempos”. É muitas vezes usada como sinônimo de “profecia”. Seu significado é mais amplo do que a profecia e inclui qualquer um de todos os eventos futuros incluindo o que acontece durante e após a morte.*

Patrística - É o estudo dos Pais da igreja primitiva, desde o período dos Apóstolos até o ano de 750 d.C. (não incluindo os escritores bíblicos). A palavra é derivada do grego *Pater* que significa “pai”.*

Preterismo, preterista – É aquele que acredita que certas passagens proféticas do Novo Testamento já foram cumpridas. A chave interpretativa para o preterista é o uso de palavras ou expressões temporais como “*em breve*”, “*perto*”, “*rapidamente*”, “*à mão*”, “*a porta*” (Apocalipse 1:1, 3; 22:7, 10, 12, 20; Mateus 24:34; 1^a Pedro 4: 7; Tiago 5: 9). Os termos “*preterismo*” e “*preterista*” são baseados na palavra latina *Preter*, que significa “*passado*”.*

* E-book: The Early Church and the End of the World. Autores: Gary DeMar & Francis X. Gumerlock - Copyright © 2006 - American Vision - Site: www.AmericanVision.org

Apresentação

Um grande número de estudiosos da profecia bíblica têm feito à afirmação de que a igreja primitiva era predominantemente pré-milenista, e que a mesma esperava a vinda de Cristo ainda naqueles dias do primeiro século da era cristã.

Embora esses estudiosos da profecia fazem essas reivindicações com grande convicção, sempre houve uma falta de documentação histórica clara para apoiá-las. Às vezes, o registro histórico foi interpretado exageradamente para caber em uma teoria já desenvolvida. Pelo fato de tais intérpretes da profecia terem durante muito tempo feito tais reivindicações, poucas pessoas se levantaram para questioná-los.

Agora, em solo brasileiro, pela primeira vez, “A Igreja Primitiva e o Fim do Mundo” é um e-book completo em que foi feito um estudo cuidadoso do registro histórico, questionando a visão futurista que prevalece atualmente.

De todas as citações feitas neste e-book, o autor também foi atrás da pesquisa histórica empreendida por Francis Gumerlock que traduziu uma série de comentaristas antigos e medievais que escreveram sobre o assunto. O leitor descobrirá que muito precocemente os escritores cristãos antigos acreditavam que as profecias de Mateus 24 e Apocalipse já tinham sido cumpridas antes do “fim” de Jerusalém no ano 70 d.C.

Esta obra, agora inédita no Brasil, veio preencher uma grande lacuna na historiografia, fornecendo um bom material para consulta em língua portuguesa.

Este e-book é uma refutação da ideia de que a igreja primitiva desconhecia o Preterismo.

O Editor.

Considerações iniciais e agradecimentos

Antes de qualquer coisa, quero que fique bem claro que esta presente obra é um pequeno resumo do livro *“The Early Church And the End of the World”* escrito pelos autores Gary DeMar e Francis X. Gumerlock. Nos três primeiros capítulos deste e-book, coloquei uma introdução minha a respeito do que a igreja primitiva pensava sobre a escatologia. A partir do quarto capítulo em diante, usei o livro de Gary e Gumerlock como texto base para a minha redação. Fiz um resumo com acréscimos, citei suas fontes ora pesquisando diretamente, ora citando trechos breves do próprio livro de Gary e Gumerlock.

Portanto, este presente e-book é devedor da obra de Gary DeMar e Francis X. Gumerlock. Assim o fiz devido a lacuna histórica sobre o tema que deveria ser preenchida urgentemente aqui no Brasil, e para que o povo brasileiro pudesse conhecer mais precocemente o que os primeiros cristãos pensavam sobre o fim do mundo. O ponto central desta obra não é se basear nos Pais da igreja para fundamentar o Preterismo como verdade bíblica, pelo contrário, o ponto central aqui defendido é **DESMENTIR** historicamente a ideia de que o Preterismo só surgiu recentemente na história.

Aproveito a ocasião para agradecer imensamente aos escritores Gary DeMar e Francis X. Gumerlock por tão importante obra, a qual pude pesquisar e ser enriquecido.

Agradeço também ao meu leitor Mateus Fonseca da cidade de Cabo Frio, estado do Rio de Janeiro, o qual arduamente tem se

empenhado na pesquisa e contribuído ricamente para com a Revista Cristã Última Chamada.

Que Deus abençoe a todos ricamente em Cristo!

Introdução

– *O que é o Fim do Mundo?* –

Os crentes da igreja moderna, quando pensam em fim do mundo, logo, concluem, que se trata de um grande evento catastrófico, como a destruição do Planeta Terra ou a batalha do Armagedom na Segunda vinda de Cristo. Os crentes, atualmente, imaginam um futuro digno de filmes de Hollywood, futuro este altamente tecnológico, com explosões atômicas, epidemias, terremotos e guerras a nível global. Não é necessário ser um especialista no assunto para notar como a ficção e a fantasia andam de mãos dadas com a atual escatologia ensinada nas igrejas.

Mas, o que os primeiros cristãos pensavam sobre o assunto? Como eles encaravam a ideia de fim do mundo? Eles achavam mesmo que a volta de Jesus estava próxima? Os primitivos cristãos esperavam a Segunda vinda de Cristo ou a “vinda” de Cristo contra Jerusalém, ainda naquela geração do primeiro século da era cristã? Para começar a responder a essas e outras questões, vamos começar bem lá no início de tudo, antes mesmo da formação da comunidade cristã a partir de Pentecostes. Vamos analisar a seguir o que aqueles primeiros judeus pensavam sobre cada tema.

Capítulo 1

Os primeiros discípulos judeus e a ressurreição

Como judeus que eram, os primeiros discípulos de Jesus acreditavam que haveria uma ressurreição no “último dia”:

“Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia”. (João 11:24).

Em nenhum momento o Senhor Jesus Cristo foi contra essa crença da ressurreição no último dia. Ele mesmo a confirmou o tempo todo:

*“E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, **eu o ressuscitarei no último dia.**”*

*“De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; **e eu o ressuscitarei no último dia**”.*

*“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; **e eu o ressuscitarei no último dia**”.*

*“Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, **e eu o ressuscitarei no último dia**”.*

(João 6:39, 40, 44, 54 – o grifo é meu)

“Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”. (João 5:28-29)

Posteriormente, o apóstolo Paulo também refletiu esse ensino de Jesus:

“Sabendo Paulo que uma parte do Sinédrio se compunha de saduceus e outra, de fariseus, exclamou: Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!”

(Atos 23:6)

“...tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos”.

(Atos 24:15 ver também Filipenses 3:10, 11; Romanos 6:5)

Observe que o ensino a respeito da ressurreição no “último dia” é simples, sem cálculos matemáticos, especulações fantasiosas, ou gráficos complicados como fazem hoje os dispensacionalistas.

Capítulo 2

A Segunda Vinda de Cristo é associada a ressurreição dos mortos

Uma coisa que deve ser entendida a respeito da Segunda Vinda de Cristo, é que a mesma está em íntima ligação com a ressurreição dos mortos. Que o leitor sempre tenha isso em mente! Os judeus esperavam que na vinda ou chegada do Messias, aconteceria a ressurreição dos mortos. O que para os judeus até os dias de hoje significa a primeira vinda do Messias a Terra, para nós, os cristãos, é a Segunda Vinda:

*“...assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, **aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação**”.* (Hebreus 9:28 – o grifo é meu)

É chamada de “segunda” vinda porque é contrastada com a primeira, isto é, Seu nascimento físico no ventre de Maria. A Segunda Vinda também será corporal, porque Jesus voltará com o mesmo corpo físico que foi ressuscitado.

Isto se vê em Atos 1:9-11:

“Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões

*galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu **virá do modo como o vistes subir***". (o grifo é meu)

Na carta aos Tessalonicenses, alguns detalhes são acrescentados sobre a Segunda Vinda de Cristo, explicando sobre a questão dos que estiverem vivos naquele dia:

"Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança.

Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem.

Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem.

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor".

(1ª Tessalonicenses 4:15-17)

Em 1ª Coríntios 15:51-54 o evento da Segunda vinda é considerado um mistério:

"Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade.

*E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: **Tragada foi a morte pela vitória**".*

No próprio livro de Atos dos apóstolos, bem no início da igreja, o apóstolo Pedro fala declaradamente sobre a Segunda Vinda de Cristo:

“O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.”. (Atos 3:20-21 – o grifo é meu)

Claramente se vê que Cristo ficará “contido” no céu até a restauração de tudo. Isto sugere que até o Dia de Sua vinda, estará em andamento um processo de restauração no mundo. Dá a entender que até aquele “dia” chegar, haverá uma contínua, ou progressiva restauração de tudo, muito diferente do que os alarmistas dizem atualmente sobre a tendência do mundo piorar cada vez mais até a Segunda Vinda de Cristo. O que Pedro discursou no livro de Atos dos apóstolos, está em perfeito alinhamento com o que Paulo escreveu aos coríntios, veja a seguir:

“E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.

Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.

O último inimigo a ser destruído é a morte”.

(1ª Coríntios 15:24-26)

Note o leitor que o “fim” vem depois de um período de reinado, ou seja, “quando ele entregar o reino”, tendo como vitória a destruição de todos os seus inimigos. Uma vez que o último inimigo a ser vencido será a morte física, e que há outros inimigos que serão vencidos antes dela, logo, podemos chegar à conclusão que até aquele “dia” as coisas vão sendo restauradas aos poucos. Esta ideia está em perfeita conformidade com o que Jesus ensinou a respeito da natureza e crescimento do Reino no mundo. Ele disse em Mateus 13:31-33:

“Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.

Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado”.

Observe que a ideia é que o Reino cresça até tornar-se mui grande e tomar conta de tudo. Quando Jesus compara o Reino ao crescimento de uma árvore, sugere-se aí um efeito progressivo na história do Reino. Assim como uma árvore cresce de forma discreta, lenta e quieta, passa por intempéries do tempo, do frio, do calor e das ervas daninha, o Reino também cresce da mesma forma, passando por perseguições terríveis e períodos de paz, mas, ao mesmo tempo, através dos séculos, cresce quieto e discretamente. Chegará o dia em que o Reino de Deus dominará todas as nações do Planeta Terra.

Nos escritos do Antigo Testamento vemos essa realidade como profecia:

“Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.

Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações.

Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, até aquele que não pode preservar a própria vida.

A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura”.

(Salmo 22:27 a 30)

*“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; **para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”.***

(Isaías 9:6-7 – o grifo é meu)

“Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou.

Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles

não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra”.

(Daniel 2:34-35 – o grifo é meu)

Observe que segundo esses versículos, o Reino de Deus tem crescimento progressivo ao longo do tempo. Ele começa pequeno e aumenta à medida que o poder de Jesus como rei cresce. Isto está em harmonia perfeita com o ensino de Cristo e, posteriormente, o ensino apostólico.

A igreja primitiva esperava pela Segunda Vinda de Cristo em seus dias?

Uma ideia muito comum hoje em dia é de que a igreja primitiva esperava pela Segunda Vinda de Cristo, ainda em seus dias. Alguns chegaram ao cúmulo de dizer que o apóstolo Paulo se equivocou ao esperar pela vinda de Cristo ainda no seu tempo de vida. O grande problema é que ao abandonar o contexto histórico, os nossos modernos intérpretes da Bíblia, fazem muitas teorias ou ginásticas interpretativas para tentar explicar o que está tão simples nas Escrituras.

O que tem confundido a muitos, é que no Novo Testamento existem perto de cem textos que podemos chamar de “*textos indicadores de tempo*”. Eu mesmo cataloguei cerca de setenta e oito desses textos. Alguns dizem que são cento e um versículos, mas isto não procede. Nesses textos indicadores de tempo, podemos encontrar expressões tais como “*em breve*”, “*sem demora*”, “*esta geração*”, “*as portas*”, “*brevemente*” e “*próximo*”. É justamente por causa de tais textos que é impossível de se ler todo o Novo Testamento sem perceber que havia um clima de espera de algo que estava para acontecer, ainda naqueles dias da igreja primitiva.

Antes de entrar neste assunto, é bom que fique claro que o que os primeiros cristãos esperavam para seus dias, não era a Segunda Vinda de Cristo no fim da história. Os textos das Escrituras sobre

a ressurreição e a Segunda Vinda de Cristo que vimos nos dois capítulos anteriores, demonstram claramente que não havia uma expectativa sobre se a Segunda Vinda estava *perto* ou *distante*. Apenas se sabia que tal evento acontecerá num futuro não datável.

O que se demonstra estar para acontecer “*em breve*” de acordo com os textos indicadores de tempo, é, na verdade, a “vinda” de Jesus em juízo contra Jerusalém e a nação de Israel. O Senhor Jesus durante seu ministério terreno, prometeu que voltaria ainda naquela geração para julgar e punir Jerusalém. Esta verdade está claramente registrada na parábola dos lavradores maus:

“Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país.

Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam.

E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram.

Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte.

E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão.

Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança.

E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram.

Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?

Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos.

Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras:

A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?

Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava...”.

(Mateus 21:33-45 – o grifo é meu)

O mais interessante de tudo é que enquanto os principais sacerdotes e os fariseus entenderam o que Jesus quis dizer, os modernos intérpretes fazem malabarismos e mesmo assim não entendem. Claramente se vê que os principais sacerdotes e os fariseus entenderam que o Senhor iria fazê-los *“perecer horrivelmente”*. Isto se deu no cerco e destruição de Jerusalém nos anos 67-70 d.C. Tal castigo também não iria ocorrer no fim do mundo, pois o texto é claro ao dizer que a vinha seria arrendada *“a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos”*, e também que *“o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos”*. Os *“outros lavradores”* e o *“povo”* que iria assumir a vinha ou o Reino, é a igreja. Isto se deu no dia do Pentecostes.

Considere essa realidade de que o Senhor voltaria para destruir Jerusalém - ainda naquela geração do primeiro século da era cristã – lendo este trecho da parábola das bodas:

“...e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram.

O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade”.

(Leia a parábola inteira em Mateus 22:1-14)

Foi justamente o incêndio da “cidade” de Jerusalém que aconteceu no ano 70 d.C. Israel não aceitou ao convite do Rei (Deus) para as bodas de seu Filho (Jesus). Assim, recebeu a sua devida punição.

O capítulo 23 do evangelho de Mateus mostra claramente o que iria acontecer a Jerusalém, ainda naquela geração da igreja primitiva:

“Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra,

desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.

Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

Eis que a vossa casa vos ficará deserta”.

(Mateus 23:33-37 – o grifo é meu)

Em outra ocasião, o Senhor Jesus comparou a situação daquela geração como a de um homem que foi livre de um espírito imundo:

“Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra.

Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada.

Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro.

Assim também acontecerá a esta geração perversa”.

(Mateus 13:43-45 – o grifo é meu)

A recém formada igreja primitiva acreditou de tal forma em todas essas palavras de Jesus, que especificamente a igreja de Jerusalém, sabendo do destino horrível que a cidade e a nação de Israel estava prestes a passar naquela geração, resolveram ter seus “bens em comum” e “vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (Atos 2:45). Sobre esse tema Alberto Mansueti escreveu que os primeiros cristãos em Jerusalém “estavam esperando o “Dia do Senhor”, o castigo divino sobre a cidade, por haver ela rejeitado e crucificado o Messias, e perseguido a seus seguidores. No capítulo 24 do Evangelho de Mateus, Jesus profetiza esse terrível dia de juízo, anunciando os sinais que viriam: falsos messias, guerras e rumores de guerras, fome, terremoto e pestes, perseguições e apostasias, e o “abominável da desolação”. Seria a “grande tribulação” que

marcaria o fim, não do mundo, mas de uma era: a era judaica; e o começo de outra, a era cristã.

Esperando o dia de juízo, os cristãos viviam como em um gueto, quase na clandestinidade. Por isso não tinham negócios nem bens próprios; e no ano 70 d.C., quando se cumpriu a profecia de Jesus, e o juízo se abateu com as legiões romanas de Títo, os cristãos fugiram, ou já haviam deixado a cidade”.¹

Capítulo 3

O que os primitivos cristãos pensavam sobre o fim do mundo?

O “fim do mundo” está intimamente ligado ao dia da ressurreição, que conseqüentemente é o dia da Segunda Vinda de Cristo, tudo num único evento-dia. Atualmente, quando se fala em fim do mundo, os crentes em geral pensam num grande evento como a batalha do Armagedom, destruições provocadas por bombas atômicas, catástrofes e terremotos assustadores que fariam a terra arder em chamas. Diferente do que se pensa hoje em dia, os primitivos cristãos não acreditavam no fim do mundo físico. Essa tendência é possível ser vista mesmo antes da formação da igreja primitiva. Em Mateus 24:3 vemos o que os primeiros discípulos pensavam sobre o fim do mundo:

“E, estando assentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos, em particular, dizendo: Dizê-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?”

(Mateus 24:3)

A melhor tradução deste texto de Mateus é “*consumação do século*” ou fim da “*idade*”, ao invés de “*fim do mundo*”. A palavra que do grego foi traduzida como “mundo”, é *aion*. Se a ideia em questão fosse o mundo físico, seria de se esperar encontrar outra palavra grega, no caso seria *kosmos*. A palavra grega *aion* refere-se a um período de

tempo, não ao mundo físico. Quando os discípulos perguntaram a Jesus sobre o fim do mundo ou fim da era, eles tinham em mente o “fim da era judaica”. Devemos lembrar que o assunto em questão em Mateus 24 é sobre a destruição do Templo de Jerusalém, pois Jesus disse: “*Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada*” (Mateus 24:2).

Esta declaração foi o suficiente para que os discípulos fizessem três perguntas: “*quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?*” Eles ficaram perplexos com a declaração de Jesus sobre a destruição do Templo e rapidamente a associaram com o fim da era. O fim da “idade” ou “era” representava o fim da era da velha aliança, do Templo e seus sacrifícios, para dar lugar a uma nova era em Jesus Cristo em que Deus não fala mais em tipos e sombras (Hebreus 1:2). Ao contrário de muitos hoje em dia, aqueles primeiros discípulos entenderam isto muito bem!

O fim de todas as coisas está próximo

“Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações”.

(1ª Pedro 4:7 – o grifo é meu)

“...tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.

Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água.

Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios”.

(2ª Pedro 3:3-7 – o grifo é meu)

Baseados nesses versículos, muitos pensam que o apóstolo Pedro estava se referindo a destruição do mundo físico. Primeiramente, é digno de nota que o fim pelo qual Pedro se refere estava “próximo”, e por isso, seus primeiros leitores deveriam ser “*criteriosos e sóbrios*”. Na mesma carta, ele deixou bem claro que ele e seus contemporâneos estavam vivendo o “*fim dos tempos*”:

*“...mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, **porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós**”.*

(1ª Pedro 1:19-20 – o grifo é meu)

O mais interessante de tudo é que todo o Novo Testamento é unânime sobre a questão de que Cristo nasceu nos “*últimos dias*”, “*fim dos séculos*” ou “*fim dos tempos*”. Não há como ter dúvidas de que a igreja primitiva vivia os “*últimos dias*”.

Observe as palavras grifadas dos versículos a seguir:

*“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, **nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo**”.*

(Hebreus 1.1-2 – o grifo é meu)

*“Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; **agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado**”.*

(Hebreus 9.26 – o grifo é meu)

*“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem **os fins dos séculos têm chegado**”.*

(1ª Coríntios 10.11 – o grifo é meu)

*“Filhinhos, **já é a última hora**; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que **é a última hora**”.* (1ª João 2.18 – o grifo é meu)

É possível que esses versículos também tenham sido a causa de muita gente pensar que os primitivos cristãos esperavam pela Segunda Vinda de Cristo, ainda em seus dias. Todavia, esse fim não pode ser o fim do mundo físico, e nem sobre a volta de Jesus. O que se esperava de fato, era a volta de Jesus em juízo contra a nação de Israel que marcaria o fim da era judaica.

Se é assim então, alguém poderá perguntar sobre o que Pedro quis dizer sobre “*os céus que agora existem e a terra*” que estavam “*entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios*”. O que vem a significar isto? Para entender o que Pedro quis dizer é necessário que analisemos o texto por partes, como veremos a seguir.

Os escarnecedores dos últimos dias

“...tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.”

Já vimos anteriormente que os “*últimos dias*” eram os dias que a igreja primitiva estava vivendo, eram os últimos dias da era judaica. Sendo assim, esses escarnecedores dos últimos dias apareceram nos tempos da igreja primitiva, e eram os “judeus que tinham abandonado o Pacto Abraâmico rejeitando a Cristo. Como Jesus tinha repetidamente advertido (cf. Mt. 12:38-45; 16:1-4; 23:29-39), sobre aquela geração má e perversa viria o grande “Dia de Juízo” predito nos profetas, uma “destruição dos homens ímpios” como aquela sofrida pelos ímpios dos dias de Noé (2Pe. 3:5-7). Durante todo o Seu ministério Jesus traçou essa analogia (ver Mt. 24:37-39 e Lucas 17:26-27)”.²

Houve céus bem como terra... os céus que agora existem e a terra

*Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, **houve céus bem como terra**, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água.*

*Ora, **os céus que agora existem e a terra**, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios”.*

(2ª Pedro 3:3-7 – o grifo é meu)

Observe que o texto diz que “*houve céus bem como terra*” ou como diz em outras traduções “**existiram os céus, e a terra**”, em contraste direto com os “*céus que **agora existem***”. Para quem conhece a linguagem do Antigo Testamento, isso não pode ser uma referência aos céus e terra físicos, mesmo porque o dilúvio destruiu apenas a superfície terrestre, e não os céus conforme o texto de Pedro diz que também deixaram de existir. Os céus e terra era uma referência a Antiga Aliança. Quando Deus tirou seu povo do Egito e deu a Lei a eles, Ele tratou isto como a criação dos céus e da terra (Isaías 51:15-16).

Segundo David Chilton, “S. Pedro descreve esse julgamento como a destruição dos “céus e a terra que agora existem” (v. 7), abrindo caminho para “novos céus e nova terra” (v. 13). Por causa do que pode ser chamada terminologia do “universo em colapso” usada nessa passagem, muitos têm equivocadamente assumido que S. Pedro está falando do final do céu e terra físicos, e não a dissolução da ordem do Antigo Pacto. O grande teólogo puritano do século dezessete, respondeu a essa visão referindo-se ao uso metafórico característico na Bíblia dos termos céus e terra, como na descrição de Isaías do Pacto Mosaico”.³

Não somente Pedro usa uma linguagem de des-criação do Universo para exemplificar a destruição dos elementos da Antiga

Aliança, mas também o profeta Jeremias quando escreveu sobre a queda iminente de Jerusalém em 587 a.C. (Jeremias 4:23-31).

“Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas”.

(2ª Pedro 3:10 – o grifo é meu)

O dia da dissolução da ordem do Antigo Pacto é visto como se os elementos da criação “se desfarão abrasados”. “Enquanto muitos pensam que “os elementos, ardendo” seja uma descrição das partículas subatômicas que formam a matéria, ou em outras palavras, imaginam o Universo pegando fogo e se dissolvendo na Segunda Vinda de Cristo; na verdade a palavra “elementos” é a tradução do vocábulo grego “stoicheia” e, em nenhum momento essa palavra é usada em conexão com o mundo físico. Pelo contrário, todas as vezes em que esse vocábulo aparece no contexto bíblico é usado em conexão com a ordem da Antiga Aliança. Em Gálatas 4:3-5a; 9-10; Colossenses 2:8, 20-21 “stoicheia” é muitas vezes traduzida como “rudimentos” aos invés de elementos, sempre referindo-se a Lei e a antiga aliança. Assim, a questão que Pedro nos ensina em sua carta é que os “elementos” da antiga aliança seriam queimados na vinda em julgamento de Cristo. E isto aconteceu quando os romanos queimaram o templo e a cidade de Jerusalém”.⁴

Sei muito bem que para o leitor essa interpretação de 2ª Pedro 3 aqui defendida, pode não fazer sentido. Sei a sensação que o mesmo tem ao ler o texto, pois numa leitura superficial, parece mesmo se tratar da destruição dos céus e terra físicos no fim do mundo. Todavia, se o leitor pensa assim, saiba que está ignorando algo fundamental, isto é, que todos nós **NÃO** devemos ler a Bíblia com os olhos modernos do século 21, pelo contrário, devemos lê-la através de um ponto de vista do antigo Oriente, e não com um ponto de vista da cultura ocidental. A Bíblia deve ser lida através de uma mentalidade hebraica (aliança), ao invés de uma mentalidade grega (ou científica).

A mudança do centro Redentor

A cidade de Jerusalém era considerada o centro redentor do mundo conhecido, e os judeus acreditavam que viviam no centro do mundo. Para eles, estar longe de Jerusalém era estar nos “*confins da terra*”, e também, longe do centro da vida (Ezequiel 5:5; 38:12; Atos 1:8; 2:5-11). É por isso que “mapas medievais mostram Jerusalém como o centro geográfico do mundo, porque era o centro redentor da história”.⁵

Depois da primeira vinda de Cristo, o centro redentor muda completamente, e além de Israel, também todos os povos são incluídos. Quando viu o menino Jesus, Simeão disse:

“Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel”.
(Lucas 2:29-32)

“Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos.

Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém”.

(Isaías 2:2-3)

Essa “Casa do Senhor” estabelecida acima de tudo, visível a todas as nações, é a Nova Jerusalém, a igreja de Cristo ou o Israel de Deus. A igreja é agora o monte do Senhor e a casa do Deus de Jacó. Não mais uma nação específica, em um determinado lugar do Oriente Médio. Mas, agora, todas as nações podem ver a Nova Jerusalém para que possam aprender Seus caminhos. Não há mais um templo físico em Jerusalém para que as pessoas possam ir até

ele, pois o templo tornou-se encarnado em Jesus Cristo (João 1:14). O corpo de Cristo, a igreja, é o templo espiritual.

Por causa disso, o evangelho “foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas”, “para a obediência por fé, entre todas as nações” e “pregado entre os gentios, crido no mundo” (Romanos 16:26; 1ª Timóteo 3:16).

Com o advento de Cristo no primeiro século da era cristã, a antiga Jerusalém terrestre deixou de ser o centro geográfico do mundo. A Antiga Aliança, a cidade de Jerusalém, o templo, bem como a nação de Israel na terra prometida, eram sombras do que haveria de vir. “A impressão total adquirida a partir do acúmulo de evidências de ensino e profecia de Jesus a respeito da rejeição e condenação de Jerusalém, bem como do ensino de Gálatas e Hebreus é que o significado de Jerusalém na história da redenção tinha chegado ao fim com a morte de Jesus”.⁶ O Senhor Jesus Cristo é agora o centro da história da redenção.

O perigo de uma interpretação baseada no ensino dos Pais da igreja

Conforme pudemos analisar nestes três primeiros capítulos, várias passagens do Novo Testamento demonstram que havia bem lá no começo da igreja primitiva uma unanimidade em relação ao fim dos tempos. Não encontramos nada a respeito de um *Dispensacionalismo* com suas loucuras, nem mesmo um *Pré-milenismo*. A medida que a era apostólica foi se afastando, a igreja foi deixando de ser monolítica em seus pontos de vista sobre a profecia bíblica. Começou a não haver uma aceitação unânime em relação a escatologia.

Por isto, é lamentável que muita gente hoje em dia, para fundamentar suas ideias sobre o fim dos tempos, se baseie nos chamados Pais da igreja, que viveram no período que é chamado

de Patrística. Sobre isto, o presidente do Tyndale Theological Seminary, Mal Couch, escreveu:

“Fico chocado com o número de pessoas que querem moldar sua teologia em torno dos Pais da Igreja. Pode-se encontrar em seus confusos escritos todo o espectro de pontos de vista de regeneração batismal, batismo infantil [Sic], e outros ensinamentos heréticos. O Pais da Igreja não determinam doutrina! É um estudo sólido da palavra de Deus que determina a nossa doutrina”.⁷

William F. Kerr - que é um escritor dispensacionalista - escreveu que o estudo da Patrística “exige um espírito cauteloso de um intérprete dessa literatura ao realizar um estudo analítico do material com assuntos escatológicos”.⁸ Kerr também apresentou algumas precauções que devemos tomar em relação ao ensino escatológico dos Pais da igreja, veja a seguir:

1. “Há uma diferença marcante entre o ensino da Bíblia e os ensinamentos dos Pais da Igreja... Dentro dos ensinamentos dos Pais da Igreja há uma queda inegável na qualidade e clareza do ensino da Bíblico inspirado e infalível”.
2. “Há muitos exemplos na literatura deste período onde os escritos reais foram perdidos. Para o nosso conhecimento de seu conteúdo estamos, portanto, em parte, dependente de quem foi oposição aos ensinamentos contidos nos documentos perdidos. Deles temos representações, nem sempre de precisão confiável, são, na melhor fragmentária. Conclusões retiradas nesta base são, portanto, frequentemente inferencial, e não pode ser feita com segurança”.
3. “Devemos ter cuidado para não lermos pontos de vista atuais e interpretações baseadas em escritos dos Pais da Igreja. Em vez disso, devemos deixá-los falar por si mesmos o mais claramente possível na luz da sua própria formação teológica e meio ambiente”.

4. “A Literatura Patrística não pode resolver qualquer assunto doutrinário. Isto só pode apontar as inconstâncias dos fatos que certos ensinamentos bíblicos experimentaram durante o período da história da Igreja. A sedimentação de questões doutrinárias é prerrogativa exclusiva da Bíblia. Deve ser reconhecido que a verdade de uma doutrina não pode ser determinado apenas pela sua antiguidade histórica”.⁹

Antes de assumirem supostos argumentos históricos contra o Preterismo, os atuais escritores de internet deveriam ter sido mais prudentes e seguido conselhos parecidos com esses citados a pouco. Tenho visto na internet algumas publicações sensacionalistas com os títulos: “*Manual de como esmagar o preterismo com a história*”, ou “*Refutando o preterismo com história*”. Todavia, a questão é: “O Preterismo é bíblico ou não?” Ou como disse Gary De Mar que “mesmo que pudesse ser provado que nenhuma forma de preterismo pudesse ser encontrada em documentos cristãos do primeiro século, isso por si só não significa que a Bíblia não ensina isso”.¹⁰

Muita gente apela aos escritos dos Pais da igreja porque creem que seriam como uma grande autoridade inspirada por Deus. Outros pensam que pelo fato deles terem vivido muito perto do período apostólico, seria esta uma garantia de “acerto” em relação a doutrina. A Bíblia mostra o contrário! O Novo Testamento está cheio de evidências de que estar perto dos apóstolos não era sinal de acerto doutrinário.

Há vários exemplos de pessoas que precisaram de esclarecimento e conselho ainda enquanto os apóstolos estavam vivos (Atos 10, 15; Gálatas 2:11-14), e mesmo assim, muitos não entenderam (Gálatas 1:6-10). Os cristãos de Tessalônica tiveram que ser instruídos sobre uma questão da escatologia para que eles não fossem “enganados” (2ª Tessalonicenses 2:1-12). Até mesmo o apóstolo Pedro declarou que algumas das coisas que Paulo escreveu eram “difíceis de entender” (2ª Pedro 3:16). As cartas de João possuem advertências acerca de provar os espíritos se proviam de

Deus ou não, pois muitos enganadores já estavam em atividade naqueles dias (1ª João 4:1).

Tudo isto significa que assim como hoje, no primeiro século também houve “teólogos” que estavam ensinando errado, seja por ignorância ou por malícia. Que fique bem claro que a proximidade com o tempo dos apóstolos, **não é garantia de inerrância no ensino.**

O perigo do minimalismo bíblico

Um minimalista bíblico é aquele que assume que os eventos históricos descritos na Bíblia não podem ser considerados como verdadeiras histórias, a menos que haja comprovação de fontes não-bíblicas. O minimalismo é um rótulo cunhado para o tipo de abordagem sobre a confiabilidade histórica da Bíblia. Diferente do minimalismo, os “maximalistas supõem que a Bíblia é, até certo ponto, um registro confiável da história da formação de Israel. Minimalistas defendem que a narrativa bíblica do Antigo Testamento deve ser lida como ficção, a menos que possa ser confirmada arqueologicamente”.¹¹

Alguns articulistas de internet em seu ataque ao Preterismo, fazem sem saber, o uso do minimalismo bíblico. O dispensacionalista Thomas Ice faz uso do minimalismo ao abordar textos proféticos da Bíblia. Para ele tais textos não podem ser interpretados de uma perspectiva preterista a menos que possa ser provado que os escritores não-bíblicos também interpretaram os textos proféticos de uma forma preterista. Recentemente, quando eu estava escrevendo o e-book “*Equívocos e Contradições do Preterismo?*”, me deparei com um trecho minimalista de um articulista de internet. No texto em questão em que ele refuta o Preterismo dizendo que o mesmo é falso, porque jamais no primeiro século da era cristã a besta e o falso profeta poderiam ter sido lançados vivos no lago de fogo, ele escreveu:

“Se o capítulo 18 trata da destruição final de Jerusalém, a Grande Cidade, a Grande Babilônia, como desejam os preteristas, obviamente devem eles concordar que o Anticristo e o falso profeta, que aparecem finalmente destruídos em Apocalipse 19, são os mesmos mencionados em toda a profecia do Livro. Afinal de contas, o capítulo registra como estas figuras diabólicas foram por fim condenadas.

Em outras palavras, o Preterismo deve, como é forçado, a identificá-los com ditadores romanos que viveram antes da queda de Jerusalém. Sendo assim, o que é fato – se nos baseamos na interpretação preterista – eles, a besta e o falso profeta, foram **“lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre”** (19:20) imediatamente após a queda de Jerusalém.

Onde estão as evidências de que isso já ocorreu?”¹²

[o grifo é meu]

Observe que o articulista precisa de evidências extra bíblicas de que realmente a besta e o falso profeta foram “lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre”. Ao invés de procurar saber qual é o real significado do simbolismo em questão, o articulista quer saber de evidências históricas de que isso teria acontecido. Estamos diante de um absurdo! Mas, não para por aí. Quando se trata de refutar o Preterismo, há na internet uma enxurrada de escritores amadores que usam da ideia minimalista sem saberem. Alguns que procuram refutar o Preterismo usando a história, embora sejam escritores anticatólicos, são os mesmos que se utilizam de fontes católicas para provarem suas teorias, quer se utilizando de tradições ou supostas “provas” para provar que o Apocalipse foi escrito depois do ano 70 d.C.

Apelar para o minimalismo bíblico é muito perigoso, pois “durante anos, os arqueólogos sustentaram que não havia um grupo de pessoas que se chamavam hititas, ou nenhuma pessoa, tais como a Rainha de Sabá, e nenhum rei chamado Davi porque não havia nenhum testemunho corroborando fora da Bíblia”.¹³ As

descobertas arqueológicas posteriores provaram que os arqueólogos com seu minimalismo bíblico, estavam errados.

Assim, de acordo com Thomas Ice, “os textos de tempo, que ensinam que Jesus estava por vir no julgamento antes que a geração do primeiro século passasse (Mateus 24:34), não podem ser interpretados dessa forma, a menos que nós encontremos no início escritores cristãos não-bíblicos, que os teriam interpretados dessa maneira. Até encontrarmos essa extra evidência bíblica, devemos supor que esses textos proféticos se referem ainda a uma futura vinda de Jesus e a destruição do templo, porque alguns primeiros escritores interpretaram como sendo futuro.

Nada fora da Bíblia é necessário para provar as reivindicações da Bíblia por si. Se Jesus disse que certos eventos eram para acontecer antes da geração do primeiro século passar (“esta geração”: Mateus 24:34), então aconteceu independentemente do que qualquer documento não-bíblico ou teológico que algum estudioso influente diz ou não diz”.¹⁴

Capítulo 4

A prova do Evangelho

O dispensacionalista Thomas Ice reconheceu que o Preterismo pode ser encontrado “cedo em pessoas como Eusébio. De fato, seu trabalho *a Prova do Evangelho* está cheio de preterismo em relação ao Sermão do Monte”.¹⁵ Muita gente, assim como Thomas Ice, não consegue entender porque muito pouco é dito sobre a destruição do Templo e Jerusalém fora dos documentos do Novo Testamento, ainda no primeiro século da era cristã. Uma vez que a destruição de Jerusalém estava prevista para acontecer, porque a igreja primitiva não usou essa profecia para provar a veracidade da fé cristã contra o judaísmo? Na verdade, somente após o ano 70 d.C. é que vamos encontrar evidências em documentos cristãos da relação de Mateus 24 com a destruição de Jerusalém.

Perguntas parecidas poderíamos fazer em relação ao Dispensacionalismo e o Pré-milenismo histórico. Porque não há documentação que os apoie claramente, tal qual é ensinado hoje em dia? Porque não há uma clara documentação que apoie que os cristãos do primeiro século estavam livres do fim do mundo, e que o mesmo iria acontecer milhares de anos de depois?

O dispensacionalista John D. Hannah, presidente do departamento e professor de teologia histórica no Seminário Teológico de Dallas, foi honesto o suficiente ao admitir que “não é uma tarefa fácil de reunir um retrato do que os primeiros cristãos

pensaram sobre o fim dos tempos... [Já que] as nossas fontes de seu pensamento nesta área são relativamente limitadas”.¹⁶

Louis Berkhof discorda da ideia de que o pré-milenismo dominava a igreja em seus três primeiros séculos:

“Mas não é correto dizer, como os Pré-milenistas fazem, que era geralmente aceito nos três primeiros séculos. A verdade da questão é que os adeptos dessa doutrina eram um número bastante limitado. Não há vestígio em Clemente de Roma, Inácio, Policarpo, Taciano, Atenágoras, Teófilo, Clemente de Alexandria, Orígenes, Dionísio, e outros importantes Pais da Igreja”.¹⁷

O desaparecimento da Antiga Aliança

Embora o Novo Testamento esteja repleto de evidências acerca da destruição de Jerusalém e do fim da era judaica, o foco central dos primeiros cristãos não foi a destruição de seus inimigos judeus. G. W. H. Lampe esclarece muito bem esse ponto ao argumentar que “os princípios fundamentais da posição Cristã haviam sido estabelecidos contra o Judaísmo bem antes da primeira guerra judaica terminar”, e que “o evento decisivo vindicado era Jesus como o Cristo, o Senhor, o Filho de Deus, não a destruição de seus inimigos, mas a sua ressurreição dos mortos e sua exaltação à mão direita de Deus”.¹⁸

Portanto, o foco do Novo Testamento estava fora da Jerusalém terrena e seu templo, mas sobre a “Jerusalém celeste” (Hebreus 12:22) e o templo acima (Apocalipse 21:22). A destruição do templo foi uma conclusão precipitada (Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21). Durante quarenta anos, de 30 a 70 d.C., a ressurreição de Jesus era o centro de esperança e controvérsia. Paulo estava em julgamento por causa da “ressurreição dos mortos” (Atos 23:6; 24:21), não por causa do arrebatamento da Igreja”.¹⁹

Os primeiros cristãos haviam aprendido que eles pertenciam a Jerusalém de “cima”, que estava em contraste com a Jerusalém

terrena que era escrava (Gálatas 4:25-26, cp. Filipenses 3:20; Hebreus 12:22). No evangelho de João vemos claramente que a ideia de um lugar sagrado localizado em Jerusalém, não iria ter mais (João 4:21-3). O santo Templo de Deus, habitado pelo Espírito Santo, que é o Corpo de Cristo, é a congregação de pessoas cristãs, o povo de Deus (1ª Coríntios 3: 16-17; 6:19; 2ª Coríntios 6:16; Efésios 2:21-22; 1ª Pedro 2:5). Esses temas a respeito do “Corpo de Cristo”, ou Templo do Espírito Santo, foram firmemente estabelecidos na mente dos cristãos nos anos antes da destruição de Jerusalém.

Após a destruição do templo e da cidade de Jerusalém, houve uma mudança de ênfase. Desta vez, a ênfase foi colocada no novo povo de Deus. Isso é o que está “na Epístola de Barnabé, escrita após a destruição do templo perto do fim o primeiro século. O autor mostra claramente que a destruição do templo era uma acusação contra os judeus que se recusaram a reconhecer Jesus como o Messias prometido:

“Finalmente, vou também falar com você sobre o templo, e como esses homens miseráveis se extraviaram e definiram as suas esperanças sobre o edifício, como se fosse a casa de Deus, e não sobre o seu Deus que os criou” (16: 3-4). A Epístola de Barnabé considera a destruição do templo colocando-a “nos últimos dias”:

“Porque a Escritura diz: ‘E isso vai acontecer nos últimos dias que o Senhor vai entregar as ovelhas do pasto e no aprisco das ovelhas e sua torre de vigia à destruição’. E aconteceu exatamente como disse o Senhor” (16:5)”²⁰

Sobre Barnabé, Gary De Mar escreveu que “há sim provas suficientes a partir da Epístola de Barnabé para mostrar que a destruição do templo era prima facie evidência de que os “últimos dias” da antiga aliança passaram e a igreja era o verdadeiro templo de Deus”.²¹

Capítulo 5

Eusébio de Cesaréia e a sua defesa do Preterismo como Prova do Evangelho

“Provavelmente não havia em toda a igreja durante a primeira década do século IV, um cristão mais erudito que Eusébio de Cesaréia. [...] Eusébio nasceu por volta do ano 260, provavelmente na Palestina, onde ele passou a maior parte dos seus primeiros anos. Ele é conhecido como Eusébio “de Cesaréia” porque foi bispo desta cidade e porque foi educado nela, mas o lugar exato do seu nascimento nos é desconhecido”.²² Um dos livros escritos por Eusébio foi *“a Prova do Evangelho”*. Como historiador, Eusébio relatou sobre o que outros antes dele acreditavam. Por isto, é muito provável que os seus pontos de vista não deveriam ser novidade em seu tempo. O editor e tradutor de *“a Prova do Evangelho”*, W. J. Ferrar, escreveu que este trabalho “vem no final de uma longa série de obras apologéticas, e encarna e codifica os seus resultados. É o trabalho de um homem de extraordinária erudição ampla, que organização e suportes o apoio adicional das comunidades de seus antecessores. Eusébio não é um aventureiro ou uma ruptura moderna na terra”.²³

Muito provavelmente, os pontos de vista sobre profecia que Eusébio relata em seu livro, já estavam circulando por algum tempo. O que Eusébio cita a respeito de Mateus suporta uma

interpretação preterista da profecia bíblica. O próprio dispensacionalista Thomas Ice reconheceu que o Preterismo pode ser encontrado nos escritos de Eusébio. Em seu livro *“A História do Preterismo”*, Ice escreve que Eusébio argumentou “que a destruição de Jerusalém pelos romanos no primeiro século cumpriu a profecia bíblica e foi, assim, uma *“Prova do evangelho”*”.²⁴

Eusébio e a interpretação sobre o Abominável da desolação

Os futuristas insistem que o *“abominável da desolação”* aguarda um futuro cumprimento após o chamado arrebatamento secreto da igreja. Afirmam também que o Abominável da desolação seria um futuro Anticristo que, segundo alguns, viria do Mercado Comum Europeu, uma espécie de Império romano revivido. Na perspectiva preterista, a profecia sobre o Abominável da desolação descrita em Mateus 24:15 cumpriu-se quando Jerusalém foi cercada de exércitos no ano 70 d.C. (ver Lucas 21:20).

Eusébio explica Mateus 24:15 desta forma:

“E a partir desse momento uma sucessão de todos os tipos de problemas afligiram toda a nação e sua cidade até a última guerra contra eles, e ao final do cerco, em que a destruição apressou-se sobre eles como uma inundação [Daniel 9:26] com todos os tipos de miséria da fome [Mateus 24:7], praga [Lucas 21:21] e a espada [Lucas 21:24], e todos os que conspiraram contra o Salvador em sua juventude foram cortados; então, também, a abominação da desolação ficou no Templo [Mateus 24:15], e permaneceu lá mesmo até hoje, enquanto eles [isto é, os judeus] têm diariamente atingido as profundidades de desolação”.²⁵

Eusébio ainda acrescenta “que os judeus não só são tão ousados como recusam-se a ver o que está claro, de tão cega e escura que se encontram as suas mentes, que não são capazes de ver o claro e evidente cumprimento das Sagradas Escrituras”.²⁶

É fato claro e evidente que Eusébio tem o julgamento e destruição de Jerusalém como tendo acontecido no passado. Eusébio, em “*a Prova do Evangelho*” usa esse argumento como uma apologética contra a teimosia dos judeus que não querem acreditar. Sobre a questão do evangelho ser pregado em todas as nações do mundo (Mateus 24:14), Eusébio escreveu um comentário na perspectiva preterista, confirmando que essa pregação mundial prometida por Jesus foi realizada como mais uma “prova do evangelho”:

“O Evangelho, então, em um curto período de tempo foi pregado em todo o mundo para as nações, tanto os Bárbaros como os gregos possuíam os escritos sobre Jesus em sua língua materna”.²⁷

Além de comentar Mateus 24 na perspectiva preterista, Eusébio também viu algumas passagens de Zacarias como sendo cumpridas antes da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Sobre Zacarias 12:1-2, Eusébio comentou que esta passagem prediz “o cerco final das pessoas pelos romanos, através do qual toda a raça judaica tornou-se sujeita aos seus inimigos: ele [Zacarias] diz que só o resto do povo será salvo, exatamente descrevendo os apóstolos de nosso Salvador”.²⁸

Eusébio também comentou sobre Zacarias 14, passagem esta interpretada atualmente como ainda para cumprir-se em nosso futuro:

“Mas quem não ficaria surpreso com o cumprimento de uma profecia que revelou que o povo judeu sofreria estes sofrimentos nos dias do Senhor? Pois tão logo Jesus, nosso Senhor e Salvador tinha chegado e os judeus O haviam ultrajado, tudo o que havia sido previsto foi cumprido contra eles, sem exceção 500 anos após a predição: a partir do momento de Pôncio Pilatos e os cercos sob Nero, Tito e Vespasiano eles nunca estavam livres de todos os tipos de calamidades sucessivas, como você pode reunir a partir da história de Flávio Josefo... Depois da vinda do nosso Salvador Jesus Cristo, sua cidade, Jerusalém por si só, e todo o sistema e

instituições de adoração Mosaicas foram destruídos; e, uma vez que eles foram submetidos a cativo em mente, bem como em corpo, ao recusar-se a aceitar o Salvador e Resgatador das almas dos homens, o que entrava para pregar liberdade àqueles escravizados por espíritos do mal, e dando vista aos cegos”.²⁹

O famoso texto de Zacarias 14:4, muito usado como referência a Segunda Vinda de Cristo, é interpretado por Eusébio como tendo sido cumprido no primeiro século da era cristã:

“E as palavras: *‘E naquele dia estarão os seus pés no Monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para leste’*, o que mais eles podem dizer que isso o Senhor Deus, que dizem que é a Palavra de Deus, ficará de pé e manter-se firme, na Sua Igreja, que é aqui metaforicamente chamada de Monte das Oliveiras?”³⁰

Eusébio diz que essas palavras foram cumpridas literalmente em Atos 1:9-11 onde se diz que Jesus é levado para o céu diante dos discípulos. Após isso a igreja seria espalhada pelo mundo:

“Que o Monte das Oliveiras será dividido, metade dele para o leste e para o mar, um grande abismo e a outra metade dele deve se inclinar para o norte, e a outra metade dele para o sul, possivelmente uma manifestação da expressão da Igreja em todo o território habitado do mundo, pois encheu o leste, e o ocidental e oriental das nações; que se estende até o mar ocidental, e as ilhas a bordo; sim, ela atingiu a oeste e sul, e para o norte e nordeste. Em todos os lados e em todos os lugares a Igreja figurativamente foi chamada de o Olival do Senhor é plantado”.³¹

Em *à Prova do Evangelho*, também há indicações de que Eusébio acreditava que a destruição de Jerusalém foi a vinda de Cristo:

“Quando, então, vemos o que foi predito de idade para as nações cumprida em nossos dias, e quando a lamentação e pranto que foi previsto para os judeus, e a queima do Templo e sua absoluta desolação, também pode ser visto mesmo agora ter ocorrido de acordo com a previsão, com certeza devemos também concordar que o Rei que era profetizado, o Cristo de Deus, veio, uma vez que

os sinais de Sua vinda foram manifestados em cada caso, eu tratei de ter sido como claramente cumprido”.³²

Independente de como Eusébio interpretava as passagens de Zacarias e Mateus 24, o fato aqui defendido é a questão de que o Preterismo já era conhecido logo cedo na igreja cristã. Este é o meu objetivo ao mostrar tais dados históricos, pois muitos guias cegos atualmente têm afirmado que o Preterismo é uma novidade. A história simplesmente desmente a todos eles! Que fique claro mais uma vez, que a interpretação da profecia em que creio, está solidamente baseada na Bíblia, e não no que disse fulano ou cicrano.

Capítulo 6

O Preterismo entre os escritores do primeiro século

No primeiro século da era cristã, período este em que alguns dos apóstolos ainda estavam vivos, existem apenas quatro principais escritos cristãos produzidos fora do Novo Testamento. São eles: Didaquê, 1ª Clemente, a Epístola de Barnabé, o Pastor de Hermas. Segundo os estudiosos, desses quatro, apenas o Didaquê e 1ª Clemente fazem alusão a Mateus 24. Não é possível através desses dois únicos documentos que alguém consiga provar tanto o Preterismo como o Dispensacionalismo. Um estudo cuidadoso do Didaquê e 1ª Clemente irá mostrar que os textos proféticos citados não oferecem um suporte suficiente para que saibamos qual era a posição profética de seus autores. Não é porque esses autores não citam diretamente o Preterismo e o Dispensacionalismo que isso indicaria que eles não cressem em uma das duas posições. Todo argumento sobre o que eles acreditavam não passa de especulação e surge a partir do silêncio.

O que pode ajudar – ainda que especulativamente - a definir sobre o que os autores de Didaquê e 1ª Clemente acreditavam sobre a escatologia, é sobre quando o documento foi escrito. Na verdade, este é o grande debate sobre o qual Preterismo se resume, isto é, quando um documento foi escrito. Como disse Gary DeMar, “isto

é especialmente verdadeiro para o livro de Apocalipse”, pois “se um documento foi escrito antes da destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 d.C., então qualquer declaração sobre os eventos proféticos do futuro poderia ser uma referência a esse evento. O ônus da prova recai sobre o futurista para provar o contrário”.³³

As evidências fornecidas pelo Didaquê

O Didaquê é também conhecido como “*O Ensino dos Doze Apóstolos*”, e é provavelmente o mais antigo texto fora do Novo Testamento que os cristãos têm disponível para estudo. Uma cópia integral do texto foi descoberta em 1873. O Didaquê foi citado por escritores antigos e conhecidos. Embora essa literatura afirma ter sido escrita pelos doze apóstolos, todavia, isso não pode ser provado. No texto do Didaquê há doze referências aos capítulos 24 e 25 do evangelho de Mateus (24:4, 10-13, 21, 24, 30, 31, 42, 44 e 25:31). O mais interessante de tudo é que o principal texto de tempo que indica quando seria cumprido Mateus 24, isto é, “*não passará esta geração*” (verso 34), simplesmente não é citado. Por outro lado, uma outra forma de Mateus 24:30 é citada, compare a seguir:

<i>“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória”.</i>	<i>“Sim, a ressurreição, mas não de todos, conforme foi dito: O Senhor virá e todos os santos estarão com ele”. Então o mundo assistirá o Senhor chegando sobre as nuvens do céu”.</i>
(Mateus 24:30)	(Didaquê 16:7-8)

Muitos usam esse trecho do Didaquê para provar o futurismo. Isto não prova nada contra o Preterismo, pois o problema é que o Didaquê nem mesmo indica que a destruição do templo ocorreu, evento este que é o assunto de Mateus 24. É bom que fique claro

que os versos citados de Mateus capítulos 24-25 são uma referência a eventos futuros a partir da perspectiva do autor. Eu sempre digo que contexto é tudo, e observe que no texto do Didaquê citado acima, o trecho está num contexto em que o autor cita a ressurreição.

Veja a citação na íntegra:

“Então aparecerão os sinais da verdade: primeiro, o sinal da abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta; e, em terceiro, a ressurreição dos mortos.

Sim, a ressurreição, mas não de todos, conforme foi dito: “O Senhor virá e todos os santos estarão com ele”.

Então o mundo assistirá o Senhor chegando sobre as nuvens do céu”.

(Didaquê 16:7-8)

O texto de Mateus 24 não faz referência alguma ao dia da ressurreição, mas na perspectiva do autor do Didaquê, parece que ele aplica uma versão da passagem de Mateus 24 a Segunda Vinda de Cristo, pois cita a ressurreição. É bem possível que esse posicionamento do autor do Didaquê se deve ao fato da data de sua escrita. Não existe um consenso sobre quando o Didaquê foi escrito. A datação desses documentos antigos é discutível. As datas sugeridas para a composição do Didaquê vão do ano 50 d.C. ao 3º século. Segundo muitos estudiosos, simplesmente é difícil saber qual era a posição escatológica real do escritor do Didaquê. O conteúdo que temos como referência na obra em questão é muitíssimo pobre para assumirmos uma posição. Independentemente de qualquer caso que possa ser criado por futuristas ou preteristas em torno do Didaquê, o fato é que tal obra é considerada apócrifa.

Evidências a partir de Clemente romano

Clemente (30-100 d.C.), também conhecido como Clemente Romano (para distingui-lo de Clemente de Alexandria, que morreu no terceiro século), é conhecido pela sua carta aos Coríntios (1ª

Clemente). A carta é comumente datada em torno de 96 d.C., mas há uma boa razão para data mais antiga. Quando Clemente escreveu sua carta aos coríntios, muito provavelmente o templo de Jerusalém ainda estava em pé. Tendo em mente que ele nasceu no ano 30 d.C., Clemente deveria ter uns quarenta anos de idade quando ocorreu a destruição de Jerusalém. Ele se enquadra perfeitamente na “geração” que Cristo disse que veria a Grande Tribulação (Mateus 24:34). Clemente confirma algo interessante sobre sua geração:

“Agora, para colocarmos fim aos exemplos antigos, passemos aos atletas que nos tocam de perto; verifiquemos os nobres exemplos da nossa geração.

Por ciúme e inveja foram perseguidos e lutaram até à morte as nossas colunas mais elevadas e retas.

Fixemos nossos olhos sobre os valorosos apóstolos: Pedro, que por ciúme injusto não suportou apenas uma ou duas, mas numerosas provas e, depois de assim render testemunho, chegou ao merecido lugar da glória.

Por ciúme e discórdia, Paulo ostentou o preço da paciência.

Sete vezes acorrentado, exilado, apedrejado, missionário no Oriente e no Ocidente, recebeu a ilustre glória por sua fé.

Ensinou a justiça no mundo todo e chegou até os confins do Ocidente, dando testemunho diante das autoridades. Assim, deixou o mundo e foi buscar o lugar santo, ele, que se tornou o mais ilustre exemplo da paciência”.³⁴

O que temos neste texto acima é um fragmento de evidência sobre o Preterismo. Esse texto desmente Thomas Ice quando disse que “é estranho que não há um fragmento de evidência que qualquer um no primeiro século tenha entendido essas profecias [do Sermão Profético e Apocalipse] terem sido cumpridas quando preteristas dizem que elas foram”.³⁵ Há vários itens que vimos a pouco na carta de Clemente, que claramente comprovam o cumprimento da profecia nos dias da igreja primitiva. Ao referir-se aos “nobres exemplos da nossa geração”, Clemente refere-se a sua geração que viveu antes do ano 70 d.C. No trecho em questão fala

da perseguição do apóstolo Pedro. Esse acontecimento, Jesus profetizou na presença do próprio apóstolo Pedro: “*Então, sereis atribulados, e vos matarão...*” (Mateus 24:9; cf. João 21: 18-19).

O trecho também diz que o apóstolo Paulo foi um “missionário no Oriente e no Ocidente”, e que “ensinou a justiça no mundo todo e chegou até os confins do Ocidente”. Este trecho confirma o que está escrito em Romanos, quando o apóstolo Paulo desejava ir para a Espanha (Romanos 14:24, 28). Sobre ensinar a “justiça no mundo todo”, Paulo escreveu aos romanos que a fé deles “*em todo o mundo*” foi proclamada (Romanos 1:8). O trecho escrito por Clemente também confirma o que o apóstolo Paulo escreveu aos Colossenses:

*“...por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, **que chegou até vós; como também, em todo o mundo...**”*

*“...se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que **foi pregado a toda criatura debaixo do céu**, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro”*.

(Colossenses 1:5, 6, 23 – o grifo é meu)

O que Clemente testemunhou em sua geração foi o cumprimento de Mateus 24:14 o qual diz que o evangelho do reino seria pregado no mundo inteiro para testemunho a todas as nações. A palavra “mundo” no grego é oikoumene e significa “terra habitada”. Essa palavra era usada em referência ao Império romano.

A declaração de Tiago, irmão de Jesus

Segundo o livro “História Eclesiástica”, escrita no quarto século por Eusébio, há um incidente que foi a causa do martírio de Tiago, irmão de Jesus. A história original desse incidente vem do século II e Hegesipo, historiador, foi quem a escreveu em suas notas sobre a história da igreja entre os anos 165 e 175 d.C. Segundo a história, Tiago, o irmão de Jesus, identifica a vinda de Jesus “sobre as nuvens

do céu” com eventos que aconteceriam em breve, possivelmente no seu tempo de vida. Tiago, quando inquirido sobre a vinda do Filho do Homem, “respondeu, citando as palavras de Jesus registradas para nós em Mateus 24:30 e 26:64, que “ele está agora assentado nos céus, à direita do Todo-Poderoso, e está prestes a vir sobre as nuvens”. Após ouvir isso, os oficiais do templo expulsaram-no da “ala do templo” e golpearam sua cabeça com tanta perversidade que seus miolos saltaram para fora”.³⁶

“O martírio de Tiago ocorreu por volta de 62 d.C. Logo após a morte de Tiago, Vespasiano invadiu e tomou a Judéia. Sete anos depois o templo foi destruído da forma como Jesus tinha dito (Mateus 24:2). O uso dessa passagem dos “finais dos tempos” por Tiago apoia a alegação do Novo Testamento e a crença da igreja primitiva de que a “vinda de Jesus sobre as nuvens do céu” estava perto para eles. “Vindo sobre as nuvens” é uma metáfora descritiva que se refere à exaltação e ascensão como rei, que se aplica a Jesus (Daniel 7:13-14)”.³⁷

O historiador “Hegesipo identifica a vinda de Jesus” sobre as nuvens do céu “com a destruição de Jerusalém em 70 d.C.”.³⁸

Capítulo 7

O Pré-milenismo na igreja primitiva

A definição de pré-milenismo é que o Senhor Jesus virá novamente no final desta presente era de pecado para, em seguida, estabelecer o Milênio ou seu Reino milenar. Muitos crentes têm defendido a ideia de que a igreja primitiva era totalmente pré-milenista. Segundo alguns “o princípio do pré-milenarismo era forte na igreja primitiva — ele se manteve como um padrão para os Pais até o primeiro Agostinho”.³⁹

Embora eu possa concordar que houve pré-milenismo entre os Pais da igreja primitiva, todavia, não importa o que esses homens acreditaram, se eram sinceros ou não, mas o que tem peso é somente a Escritura. Somente ela é que pode definir o padrão. Muitos crentes têm usado os escritos dos Pais da igreja em paralelo a Bíblia para fundamentar suas doutrinas. “O argumento é muitas vezes baseado na ideia de que se alguns dos Pais da Igreja conheciam o apóstolo João, ou se eles conheciam alguém que conhecia João, portanto, [segundo tal argumento] os escritos desses homens carregam uma grande quantidade de peso histórico”.⁴⁰

O que os nossos iluminados intérpretes precisam entender é que ter tido contato direto com os apóstolos, ou mesmo ter vivido perto do tempo deles, não garante doutrina pura. Isso foi verdade mesmo entre os apóstolos. Veja o exemplo do apóstolo Pedro; mesmo tendo andado com Jesus durante três anos e meio, posteriormente precisou de uma visão celeste de seu entendimento errado do

evangelho em relação aos gentios (Atos 10:9-23). Em outra ocasião, o apóstolo Paulo precisou repreender Pedro a respeito dos gentios, quando disse:

“Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?”
(Gálatas 2:11-21)

É bem visível nas páginas do Novo Testamento o fato de que continuamente os apóstolos corrigiram o erro nas igrejas (Romanos 16:17; Gálatas 1:8; 3:1; Efésios 2:16-19; 2ª Tessalonicenses 2:2; 1ª Timóteo 1:3; 2ª Timóteo 2:16-18; 1ª João 4:1). Ao refletir sobre esse assunto, alguém acertadamente escreveu:

“O que nos faz pensar que aqueles cem anos distantes [dos apóstolos] não poderia também estar em erro em um tema complicado como a profecia bíblica? A história de especulação profética tem sido um embaraço persistente para a igreja”.⁴¹

É fato que desde “o primeiro século até o presente, escritores da teologia têm errado em sua interpretação e aplicação dos textos proféticos”.⁴² “A proximidade com um evento não garante as futuras gerações que os eventos passados foram relatados ou lembrados fielmente”.⁴³ Este fato vemos na própria Bíblia. Veja a seguir o que diz dois textos bíblicos:

“Foi também congregada a seus pais toda aquela geração; e outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR, nem tampouco as obras que fizera a Israel”.

(Juízes 2:10)

“Não se lembraram do poder dele, nem do dia em que os resgatou do adversário; de como no Egito operou ele os seus sinais e os seus prodígios, no campo de Zoã...”.

(Salmos 78:42-43)

Na própria história recente vemos tal coisa, pois “muitas pessoas ainda acreditam que os líderes religiosos no século XV ensinaram que a terra era plana e que Colombo queria provar que era redonda mesmo embora não haja nenhuma evidência para fundamentar este mito”.⁴⁴

Os escritos dos Pais da igreja que foram traduzidos são apenas um grão de areia no oceano

Muita gente usa e abusa dos escritos dos Pais da igreja que viveram antes do Concílio de Nicéia que ocorreu no ano 325 d.C. Grant R. Jeffrey fez um estudo sistemático dos primeiros teólogos cristãos, usando uma tradução em inglês de dez volumes dos Pais que viveram antes do Concílio de Nicéia. Todavia, esses dez volumes são apenas uma pequenina porção dos escritos daquela época. Há muito material ainda não traduzido. Há pelo menos 218 volumes em Latim e 166 volumes em grego ainda não traduzidos. “As obras que Jeffrey estudou somam aproximadamente 7.000 páginas. Enquanto que isso parece muito, a parte não traduzida em Grego e Latim ocupa o “peso de mais de um milhão de páginas”.⁴⁵

Jeffrey deve ter estudado aproximadamente 7.000 páginas dos pais da igreja. Portanto, seria de esperar que, mesmo em 7.000 páginas, Jeffrey fosse capaz de encontrar em pelo menos 70 páginas (um por cento) as afirmações que suportam que o primeiros Pais da Igreja eram exclusivamente pré-milenistas...”.⁴⁶

Um estudante da Bíblia uma vez tendo acesso a tais evidências estatísticas, deveria no mínimo se calar em relação ao que os Pais da igreja ensinavam em matéria de escatologia, pois é muita ousadia continuar ensinando que eles eram pré-milenistas. Quando muitos dizem que os Pais da igreja eram pré-milenistas, isto está mais concentrado no campo da dedução do que num ensinamento claro e consistente por parte deles. Precisamos aprender que não é porque um Pai da igreja acreditava num futuro Anticristo, que isto

venha a significar que ele também acreditasse em todos os pontos ensinados pelo pré-milenismo. Hoje em dia há muitos Amilenistas e Pós-milenistas que acreditam num futuro Anticristo e também numa futura restauração de Israel até mesmo como um Estado, mas nem por isso significa que eles sejam pré-milenistas ou dispensacionalistas ao invés de serem Amilenistas ou pós-milenistas.

Supostas provas de Pré-milenismo nos Pais da igreja

A declaração a seguir é uma prova de que não havia uma crença monolítica a respeito do Pré-milenismo tal como é ensinada hoje. “Em fragmentos a partir de Hegesipo nos cinco livros de comentários sobre os Atos da Igreja, escrito entre 165-175 d.C., lemos sobre um episódio em que os netos de Judas, o irmão de Jesus, foram levados a Domiciano César que governou o império romano de 81 a 96 AD. Domiciano é descrito como “o imperador que temia o advento de Cristo, como Herodes havia feito. ‘Domiciano pediu aos netos de Judas se eles eram da família de Davi; e eles confessaram que eram’. Ele continuou interrogando-os sobre Cristo e Seu reino, qual seria a sua natureza, e quando e onde ele iria aparecer. ‘Eles responderam que não era deste mundo, nem da terra, mas que pertence à esfera do céu e os anjos, e faria sua aparição no final do tempo, quando vier na glória, e julgar os vivos e mortos, e retribuirá a cada um de acordo com o curso da sua vida’”.⁴⁷

Temos nesta declaração um claro testemunho de pessoas que não criam num reino terreno e de mil anos literais de Cristo. Isto por si só mostra a divergência de crenças que poderia haver naqueles tempos.

O Pré-milenismo em Papias

Segundo os estudiosos não há dúvidas de que Papias foi um pré-milenista. Houve cinco livros escritos por Papias (125 d.C.) que agora estão perdidos. As poucas partes desses livros foram preservadas pelo historiador Eusébio. Sobre o Milênio Papias escreveu:

“Haverá um milênio depois da ressurreição dos mortos, quando o reino pessoal de Cristo será estabelecido na terra”.⁴⁸

Enquanto muitos afirmam que Papias foi um ouvinte direto do apóstolo João, esta não é a versão que Eusébio de Cesaréia diz:

“Mas o próprio Papias, no prefácio de seus discursos, de maneira nenhuma afirma que ele era um ouvinte e uma testemunha ocular dos santos apóstolos, mas nos informa que ele recebeu as doutrinas da fé de seu amigos íntimos...”.⁴⁹

Embora baseados em algumas declarações muitos insistem que Papias teve contato com os apóstolos, “Irineu e Eusébio, que teve o trabalho de Papias antes deles, compreenderam que os presbíteros [citados por Papias] não seriam os apóstolos, mas discípulos de discípulos do Senhor, ou mesmo discípulos dos discípulos dos Apóstolos”.⁵⁰ Na verdade, todo o conhecimento que Papias teve em mãos vieram de terceira mão, possivelmente transmitido por via oral.

Uma coisa interessante a respeito do comentário de Papias sobre o reino de Cristo, que vimos acima, é o comentário que Eusébio fez na sequência ao escrever “qual das coisas que ele parece ter imaginado, como se eles foram autorizados pelas narrações apostólicas, não entendendo corretamente as questões que sustentaram misticamente em suas representações”.⁵¹ Segundo Gary DeMar, Eusébio afirma que Papias havia “imaginado” esse reino terrestre corpóreo de Cristo. Não é difícil ver por que Eusébio

tinha um problema com a crença de Papias no ‘Reinado terreno de Cristo’, pois não há um único texto na Escritura que afirma que Jesus reinará sobre a terra por mil anos”.⁵²

O único lugar da Bíblia em que é mencionado um reino milenar de Cristo é em Apocalipse, que é um livro altamente simbólico (Apocalipse 20). Simplesmente é muita negligência defender o milênio literal e terreno de Cristo nesse único capítulo de toda a Bíblia (ainda mais em um livro altamente simbólico, como é o caso do Apocalipse). A autoridade de Papias é posta mais em dúvidas quando Eusébio escreveu sobre ele o seguinte:

“O mesmo historiador também dá outras contas, quando ele diz que acrescenta que receberam por ele de tradição não escrita, da mesma forma certas parábolas estranhas de nosso Senhor, e de sua doutrina e alguns outros assuntos também fabulosos”.⁵³

Esses “assuntos fabulosos” encontramos em uma descrição do Milênio feita por Papias, o qual alegou que a mesma foi proferida pelo próprio Jesus:

“Os dias virão em que a vinha deve crescer, cada uma com dez mil ramos, e cada ramo com dez mil galhos, e cada um verdadeiro galho dez mil tiros, e em cada um dos tiros dez mil cachos, e em cada um dos aglomerados de dez mil uvas e cada uva quando pressionada irá dar vinte e cinco metretes⁵⁴ de vinho”.⁵⁵

Não há nenhuma evidência em todo o Novo Testamento de que Jesus tenha dado tal ensinamento acerca do Milênio. O Leroy Froom escreveu que “esta tradição foi supostamente derivada de Cristo, mas na realidade ela veio de fontes apocalípticas judaicas”⁵⁶, do Livro do Apocalipse de Baruque Filho de Neriah.⁵⁷

O Pré-milenismo na epístola de Barnabé

A epístola de Barnabé foi escrita no início do segundo século da era cristã, e é considerada um livro apócrifo. Esse Barnabé não é o

mesmo descrito em Atos dos apóstolos, ou o Barnabé mencionado nas cartas de Paulo (ver Atos 4:36; 9:27; 11:22; 12:25; 13:1, 15:39; 1ª Coríntios 9:6; Gálatas 2:1, 9, 13; Colossenses 4:10). O argumento usado de que o Milênio é mencionado na epístola de Barnabé é este:

“E fez Deus em seis dias as obras das suas mãos; e Ele terminou-os no sétimo dia, e Ele descansou no sétimo dia e santificou. Considere-se, meus filhos, o que isso significa, ele terminou ambos, em seis dias. O significado disso é este: que, em seis mil anos, o Senhor Deus trará todas as coisas a um fim. Para com Ele, um dia é mil anos; como ele mesmo dá testemunho, dizendo: Eis esse dia será como mil anos. Portanto crianças, em seis dias, ou seja, em seis mil anos, todas as coisas serão realizadas”.⁵⁸

O mais interessante desta declaração é que Barnabé não diz que o Milênio acontecerá na terra, e nem dá detalhes de como seria. Qualquer interpretação usando esse texto como referência não passa de pura especulação. Essa mesma crença de que no sétimo milênio seria o tempo da volta de Cristo, foi defendida por muitos durante o século 20. É também uma má aplicação de 2ª Pedro 3:8 onde se lê que para “*o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos é um dia*”. Por causa de tais interpretações erradas, lembro-me como se fosse hoje que a medida em que a década de 90 chegava ao fim, muitos divulgavam maciçamente que a partir do ano 2000 começaria a nova era, a vinda de Cristo ou o arrebatamento da igreja.

O Pré-milenismo nos escritos São Irineu

São Irineu (séc. 130-202 d.C.) escreveu o seguinte a respeito do Milênio:

“Este é um relato das coisas anteriormente criadas, como também é uma profecia do que está por vir. Pois o dia do Senhor é como mil anos; e as coisas em seis dias criadas foram concluídas; é evidente, portanto, que elas chegarão ao fim no sexto mil anos”.⁵⁹

Sobre o que Irineu pensava acerca do período milenar, o historiador Leroy Froom escreveu:

“Em comum com muitos dos Pais, Irineu não consegue distinguir entre a nova terra recriada em seu estado eterno, e os mil anos de Apocalipse 20, quando os santos estão com Cristo após o Seu segundo advento, e as tradições judaicas do reino messiânico. Por isso, ele se aplica a ideias bíblicas tradicionais e confusas são as suas descrições da terra durante o milênio...”.⁶⁰

O Pré-milenismo nos escritos de Tertuliano

Tertuliano (145-220 d.C.), afirmou que “um reino prometeu-nos sobre a terra”.⁶¹ Não há nesta simples declaração evidência alguma de que Tertuliano teria sido um pré-milenista, conforme o atual entendimento. Tirar conclusões em cima dessa declaração é desconsiderar as demais provas que obrigatoriamente alguém deveria apresentar. Qualquer um que não seja um pré-milenista poderia fazer essa declaração de Irineu. Na sequência de confessar que nos é prometido um reino sobre a terra, Tertuliano diz:

“Mas nós confessamos que um reino nos é prometido sobre a terra. Embora antes do céu, apenas em um outro estado de existência; enquanto como será depois da ressurreição por mil anos na cidade divinamente construída de Jerusalém: “Vamos descer do céu” o qual o apóstolo também chama de “nossa mãe de cima”; e enquanto declara que a nossa cidadania, está no céu, ele prevê que é realmente uma cidade no céu. Isso tanto Ezequiel teve conhecimento como o apóstolo João a contemplou. E a palavra da nova profecia que é uma parte da nossa crença,⁶² atesta como ele predisse que há um sinal ou uma imagem desta mesma cidade exibida para ver permeável à sua manifestação”.⁶³

É possível ver um Pré-milenismo na declaração acima? A própria afirmação de Tertuliano mostra que a Cidade será no Céu. O fato

de dizer que o Reino será na Terra, não prova que segundo o entendimento de Tertuliano Jesus esteja presente fisicamente. Já que muitos insistem em se basear nos escritos dos Pais da igreja ao invés das Escrituras, um outro detalhe deveria ser levado em conta a respeito de Tertuliano, isto é, ele é contra a esperança judaica da restauração de Israel. Tertuliano acreditava que a profecia das setenta semanas de Daniel foi cumprida com o advento de Cristo. Por fim, Tertuliano converteu-se ao Montanismo, que foi um sistema teológico aberrante que prosperou na Frígia.

O Pré-milenismo de Justino Mártir

Justino Mártir (100-167 d.C.), foi um pré-milenista assim como Papias. Em sua obra *Diálogo com Trifon* (que foi um rabino judeu), podemos encontrar o que Justino pensava sobre o Milênio. As perguntas que Trifon fez sobre o Milênio é que nos dá entendimento sobre o pensamento de Justino Mártir. Ele declarou para Trifon:

“Mas eu e qualquer um que somos em todos os aspectos cristãos decididos sabemos que haverá a ressurreição dos mortos e mil anos em Jerusalém, que será então construída, adornada e aumentada, como declararam os profetas Ezequiel e Isaías. [...]

E, ainda mais, certo homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, previu por uma revelação que foi feita a ele que os que cressem em nosso Cristo passariam mil anos em Jerusalém e, depois disso, a ressurreição geral, ou, para ser breve, a eterna ressurreição e julgamento de todos os homens também ocorrerá”.⁶⁴

Parece um comentário claramente pré-milenista tal qual se entende atualmente. Todavia, este trecho não mostra o que foi o pensamento de Justino Mártir a respeito do assunto. O estudioso e pré-milenista J. Dwight Pentecost diz o seguinte a respeito das declarações de Justino:

“Justino evidentemente reconhecia o pré-milenarismo como “o critério de uma perfeita ortodoxia”. Em seu Diálogo com Trifo, em que escreve: “Alguns que são chamados cristãos mas são ímpios, hereges, ensinando doutrinas que são totalmente blasfemas, ateístas e tolas”, (Ap. D. H. KROMMINGA, *The millennium in the church*, p. 45) ele mostra que incluiria qualquer um que negasse o pré-milenarismo nessa categoria, visto que incluiu nela os que negaram a ressurreição, um ensinamento associado”.⁶⁵

O problema desse comentário de Pentecost é que ele cita uma fonte secundária e não pôde “avaliar tudo que Justino disse em resposta a Trifo. Pouco antes da sentença que o Pentecost cita, Justino havia escrito:

“Eu admiti a você anteriormente, que eu e muitos outros somos desta opinião, e [acreditamos] que essa vontade terá lugar, como vocês certamente estão cientes; mas, por outro lado, Eu represento que muitos dos que pertencem à fé piedosa e pura são verdadeiros cristãos, acho que os outros são sábios”.

De acordo com Justino, havia “muitos” que não concordavam com a sua compreensão da natureza do “milênio”. Justino é amoroso e sábio o suficiente para afirmar que eles também “pertencem à pura e piedosa fé, e são verdadeiros cristãos. Ao contrário do que Pentecost [acredita], o Pré-milenismo não era um padrão de ortodoxia no segundo século. Vimos esta verdade com os dois netos de Tiago, o irmão de Jesus [citados anteriormente]”.⁶⁶

Quando Justino fala dos hereges é a respeito daqueles “que dizem que não há ressurreição dos mortos”,⁶⁷ e faz referência aos Saduceus descritos em Mateus 22:23. Portanto, os que negam o Pré-milenismo não são considerados como ímpios hereges segundo a ideia de Justino Mártir. Muito provavelmente Justino tem dois grupos em mente, ou seja, “aqueles que discordam sobre escatologia (“verdadeiros cristãos”) e aqueles que negam a ressurreição (“chamados cristãos, mas são ímpios, hereges”)”.⁶⁸

Conclusão deste Capítulo

Eu poderia continuar este capítulo citando Lactâncio (240–320 d.C.), Commodianus (200–270 d.C.), ou qualquer outro, mas, todavia, creio que o material citado foi suficiente para provar que o Pré-milenismo não era a crença unânime da igreja primitiva, e que nenhuma outra posição foi considerada herética. O próprio credo de Nicéia (325 d.C.) não reflete nenhuma posição milenar. O que diz esse credo pode ser recitado por qualquer preterista, pós-milenista ou pré-milenista. Há muitos que querem ler o credo de Nicéia como um tratado pré-milenial, o que é absurdo. É muito significativo que os que redigiram o credo de Nicéia evitaram tomar qualquer posição escatológica.

Nas breves citações feitas aqui, vimos que alguns Pais da igreja realmente ensinaram alguma forma de Pré-milenismo. O que ficou evidente na maioria dos casos é a falta de citação de Apocalipse 20 como base. É fato que alguns dos Pais da igreja confundiram um milênio terrestre com os Novos Céus e Nova Terra.

Embora seja comum no meio evangélico o levantamento de suporte histórico por parte dos defensores de alguma posição escatológica, não estaria o problema centralizado nessa prática, mas, sim, a partir do momento em que a análise histórica dos Pais da igreja venha afetar negativamente a exegese bíblica.

Capítulo 8

O Sermão do Monte na cristandade Antiga e Medieval

Eu levo muito a sério a Bíblia como autoridade final sobre qualquer assunto. Até mesmo digo que eu não precisaria ter escrito este e-book. Mas, por causa dos críticos que além da Bíblia também se baseiam em outras obras, como se no fundo tais obras tivessem autoridade inspirada por Deus, foi necessário este árduo trabalho. O que mostrarei nas próximas páginas não tem por objetivo fundamentar o Preterismo, pois o mesmo já está solidamente fundamentado na Bíblia. O que pretendo nas citações a seguir, é preencher uma lacuna histórica para calar os críticos que dizem que o Preterismo seria um ensinamento recente. Quero que fique bem claro mais uma vez que o meu objetivo neste e-book não é mostrar que a mera presença do Preterismo na história da igreja significaria que o mesmo seja verdade. A minha disputa é somente dentro das Escrituras, o resto é história não inspirada.

A doutrina da iminência nos Pais da igreja

Se já não bastasse os obscuros e controversos posicionamentos dos Pais da igreja, é possível encontrar em seus escritos a ideia de que a vinda de Cristo e o cumprimento das profecias eram esperados para seus dias, e não para um futuro distante. Muitos que querem se fundamentar no que os Pais da igreja acreditavam,

deveriam prestar atenção também a esses equívocos que eles viveram em relação a iminência da vinda de Cristo.

Veja o exemplo de São Inácio; por volta do ano 100 d.C. ele escreveu que “os últimos tempos vieram sobre nós”⁶⁹. Tais palavras semelhantes encontramos da parte de Paulo aos coríntios:

*“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, **de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado**”.*

(1ª Coríntios 10:11 – o grifo é meu)

Ou como diz a Nova Tradução na Linguagem de Hoje:

*“Tudo isso aconteceu com os nossos antepassados a fim de servir de exemplo para os outros, e aquelas coisas foram escritas a fim de servirem de aviso para nós. **Pois estamos vivendo no fim dos tempos**”.*

(o grifo é meu)

Neste caso, em quem devemos dar crédito? É claro que é ao apóstolo Paulo. E mais, devemos procurar entender o que Paulo pensava a respeito do “fim dos tempos”, pois um fato claro que já vimos no início deste e-book é que o Novo Testamento mostra claramente que os apóstolos acreditavam que estavam vivendo os últimos dias da “era judaica”, e não o fim do mundo.

São Cipriano (200-258 d.C.) também reflete o mesmo imediatismo em relação a profecia ao escrever “que o dia da aflição começou a pairar sobre nossas cabeças, e o fim do mundo e do tempo do Anticristo... se aproxima, de modo que todos nós devemos estar preparados para a batalha”.⁷⁰

No tempo de Justino Mártir (100-167 d.C.) havia uma expectativa da imediata vinda de Cristo, e acreditava também que o Anticristo seria uma pessoa que estava ao alcance da mão, e que reinaria três anos e meio”.⁷¹ O próprio Justino aplicou o cumprimento de Mateus 24:11 para o seu tempo:

“Para as coisas que Ele previu que aconteceria em Seu nome, essas nós vemos sendo realmente realizadas em nossa visão. Pois

ele disse, ‘Porque muitos virão em meu nome, vestidos exteriormente como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores’.⁷²

São Hipólito compara a ação do Falso Profeta de dar vida à imagem da Besta, a Augusto inspirando nova força para o Império Romano’.⁷³ Por fim, São Vitorino (cerca de 303 d.C.) identifica Nero como a Besta [de Apocalipse 13]’.⁷⁴

Todos esses homens cometeram o mesmo erro, isto é, aplicar mal os textos de tempo do Novo Testamento, como se fossem para os seus dias. Resultado: nada aconteceu, Cristo não veio e o mesmo é repetido hoje. O que é certo e o que realmente aconteceu é que tudo aquilo que o Novo Testamento predisse que iria acontecer dentro da geração da igreja primitiva, de fato aconteceu.

Mateus capítulo 24 e a interpretação preterista na antiguidade

Como Jesus não veio em seu tempo de vida conforme alguns Pais da igreja esperavam, alguns atualmente sugerem que o tempo foi “esticado”, ou houve um atraso na volta de Cristo. Todavia, já no período a partir do quarto século, a crença no Milênio começou a diminuir e houve reavaliação dos textos de tempo do Novo Testamento. “Havia várias razões para esse declínio... As perseguições contra a Igreja chegaram ao fim com a conversão de Constantino, e a igreja viu um novo dia de paz amanhecendo”.⁷⁵ Segundo Francis X. Gumerlock, “mais tarde, comentaristas bíblicos começaram a reavaliar os textos proféticos que tinham usado para ensinar que Jesus voltaria em seu tempo de vida. Em vez de vê-los como já cumpridos, muitos criaram uma visão futurista, reinterpretando e relativizando os textos de tempo e, assim, obscurecendo o claro ensino da Bíblia”.⁷⁶

Diferente de muitos intérpretes que vieram depois do historiador Eusébio, o próprio Eusébio cita o historiador Flávio Josefo para aplicar as profecias de Mateus capítulo 24 como já cumprida nos tempos da igreja primitiva. Eusébio escreveu que “convém acrescentar a estes que representam a verdadeira predição de nosso Salvador na qual ele predisse esses muito eventos. Suas palavras são as seguintes: “Ai das que estiverem grávidas, e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a sua fuga não aconteça no inverno nem no sábado. Porque haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até este tempo, não, nem jamais haverá [Mateus 24:19-21]”.⁷⁷

Enquanto muitos ainda interpretam para o futuro essas palavras, Eusébio acrescenta que “estas coisas tomaram colocar dessa maneira, no segundo ano do reinado de Vespasiano, em acordo com as profecias de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que pelo poder divino as viu de antemão como se elas já fossem presentes, e choraram e lamentaram de acordo com o comunicado dos Santos evangelistas”.⁷⁸

Luís de Alcazar e a interpretação preterista

Muita gente pensa que o jesuíta Luís de Alcazar foi quem inventou a interpretação preterista da profecia bíblica, com o intuito de salvar a pele da igreja católica romana contra a Reforma protestante. Geralmente, são os escritores amadores da internet que se aventuram nessas supostas teorias. Observe o que um deles falou:

“Já os papistas, desesperados em oferecerem uma interpretação paralela que desvinculasse completamente a Igreja Romana de qualquer ligação óbvia com a Babilônia, inventaram no século XVI uma linha de interpretação apocalíptica totalmente inexistente até então, chamada preterismo. Conquanto não houvesse até então um único Pai da Igreja que cresse que todas as profecias já haviam se

cumprido em 70 d.C., o jesuíta português Luís de Alcazar (1554-1613) passou a argumentar que as profecias sobre a grande tribulação já haviam se cumprido na condenação da Roma pagã, sendo Constantino o anjo que prende Satanás”.⁷⁹

Observe só como o escritor amador de internet citado acima desconhece o Preterismo, pois diz que Constantino é o anjo que prende Satanás. Se já não bastasse isso, também se sustenta nos Pais da igreja ao dizer não há um único Pai da Igreja que creu no Preterismo, como se desde quando fosse isso necessário (apesar que já falei anteriormente que ainda existem não traduzido do Grego e Latim, cerca de mais de um milhão de páginas dos Pais da igreja).

A opinião atual acerca de Luís de Alcazar, além de duvidosa, já foi posta em descrédito. Se algum futurista ainda quer fazer caso com este assunto ao dizer que o Preterismo teve origem católica, que saiba que, pela mesma lógica o futurismo também teria se originado na igreja romana. Sobre este assunto, Gary DeMar escreveu algo de grande proveito:

“Mas aqueles que atacam o preterismo porque reivindicam que um católico romano supostamente o tenha originado, têm um problema similar. Francisco Ribera (1537-1591) foi um médico jesuíta e teólogo na Igreja Católica Romana, que começou a escrever um comentário longo (500 páginas) em 1585 sobre o livro de Apocalipse, intitulado *In Sacrum Beati Ioannis Apostoli, e Evangelistiae Apocalypsin Commentarij*, e publicou-o no ano de 1590. A fim de eliminar a Igreja Católica de ser considerada como o poder do Anticristo, Ribera propôs que a maioria do Apocalipse refere-se a um futuro distante, pouco antes da Segunda Vinda. “Ele ensinou que o Anticristo seria um indivíduo único, que iria reconstruir o templo em Jerusalém, abolir a religião cristã, negar a Cristo, ser recebido pelos judeus, fingir ser Deus, e conquistar o mundo - e tudo isto, no breve espaço de três anos e meio”.⁸⁰

É bom que fique claro que não foi somente Alcazar que escreveu sobre o Preterismo. Importantes escritores do período da Reforma protestante também escreveram sobre o assunto, entre eles, João Calvino, John Lightfoot, Philip Doddridge, Thomas Newton, e John Gill e Franz Lambert. Até mesmo Martinho Lutero pode ser acrescentado a essa lista, pois o mesmo “na primeira década da Reforma comentou a profecia em Mateus 24 de uma forma preterista [...] Em um sermão que Lutero pregou sobre Mateus 24:15-28, impresso pela primeira vez em 1525, o reformador ensinou que a “abominação da desolação” (Mat. 24:15) tinha ocorrido quando o “Imperador Caius, como a história diz, tinha colocado a sua imagem no templo de Jerusalém como um ídolo, para o povo a adorar”. Ele também interpretou Mateus 24:22 - *por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados* - na luz da guerra romana na Judéia em 68-70 d.C., dizendo que “o significado é, que o sofrimento não permanecerá por muito tempo, por causa dos justos; pois a guerra contra os judeus não durou bastante de dois anos, quando a paz foi declarada”.⁸¹

No próximo tópico, vamos estudar evidências de como muitos cristãos antigos que viveram antes dos Reformadores interpretaram as profecias descritas em Mateus 24, e como elas foram cumpridas em conexão com o ano 70 d.C. na destruição de Jerusalém pelos romanos.

Mateus capítulo 24 interpretado pelos escritores medievais

Em Mateus 24:4-14 são descritos vários sinais do “fim”, tais como guerras, rumores de guerras, terremotos, falsos profetas, o evangelho sendo pregado em todas as nações etc. Ao invés de interpretar esses sinais como indicação do fim do mundo, muitos escritores medievais viram neles não o fim do mundo físico, mas o fim da era judaica. A seguir mostrarei o comentário de vários

escritores medievais sobre o tema. A tradução dessas obras raras para o inglês, foi um árduo trabalho de Francis X. Gumerlock.

“Veja por que ninguém vos engane. Porque muitos virão em meu nome, dizendo: 'Eu sou o Cristo', e enganarão a muitos”.

(Mateus 24:4-5)

Tito de Bostra (4º século):

“Talvez Ele não fala sobre os falsos cristos que estão vindo antes do final, mas sobre aqueles que estavam no tempo dos apóstolos”.⁸²

Bede (735 d.C.):

“Muitos líderes apareceram quando a destruição de Jerusalém era iminente, que disseram que eles eram o Cristo e que o tempo de liberdade agora estava se aproximando”.⁸³

Denis cartuxo (1471 d.C.):

“Certas pessoas vieram para a Judéia, antes da destruição de Jerusalém, um dos quais era Simão, o Mago, sobre quem os samaritanos disseram que Ele é o poder de Deus, que é considerado grande, como diz em Atos 8:10. Este Simão, como Jerônimo relaciona, deixou para trás uma declaração em seus livros em que disse: “Eu sou a Palavra de Deus, eu sou o maior, eu sou o Paráclito, eu sou o Onipotente, estou em todos os aspectos de Deus”.⁸⁴

“E vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras... mas isso não é o fim”. (Mateus 24:6)

João Crisóstomo (407 d.C.):

“Mas ele diz, que o fim da cidade não acontecerá imediatamente, isto é, a tomada de Jerusalém, mas haverá muitas batalhas em primeiro lugar”.⁸⁵

Rábano Mauro (856 d.C.):

“Mas com estas coisas se aproximando os apóstolos são avisados a não terem medo e não se afastarem de Jerusalém e da Judéia,

porque evidentemente o fim, ou seja, a desolação da província, o fim da cidade, e a destruição do templo, não viria imediatamente, mas foi adiada até o quadragésimo ano”.⁸⁶

Ralph de Laon (1.136 d.C.):

“Estas coisas abundavam na Judéia desde o tempo da paixão do Senhor. Esses apóstolos são admoestados a não terem medo e deixarem Jerusalém e a Judéia, porque o fim não vinha imediatamente, mas depois de quarenta e dois anos”.⁸⁷

“Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e em vários lugares haverá fomes e terremotos”.

(Mateus 24:7)

Comentário incompleto e anônimo sobre Mateus (4º Século):

“Quem lê Josefo sabe que tipo de fome, pragas e tremores afligiu a Judéia antes da queda de Jerusalém”.⁸⁸

Livro irlandês (obra anônima) de perguntas sobre os Evangelhos (725 d.C.):

“Reino contra reino. O reino dos judeus contra o Reino Romano”.⁸⁹

Otfrid de Weissenburger (860 d.C.):

“Estas coisas, de acordo com uma interpretação literal, foram mostradas para ter acontecido antes da destruição da cidade”.⁹⁰

Teofilato de Ocrida (1108 d.C.), expositor de língua grega do que é hoje o país da Bulgária:

“Alguns têm entendido as fomes, as pestes e as outras tribulações serem não apenas aquelas que ocorrerão no final do mundo, mas também aquelas que tiveram lugar no momento da captura de Jerusalém.

Josefo diz que horrores indizíveis ocorreram naquele tempo por causa da fome; e Lucas diz em Atos que havia uma fome durante o

reinado de Cláudio César; e muitas coisas espantosas ocorreram indicando a captura de Jerusalém, como Josefo relata”.⁹¹

“Mas todas estas coisas são o princípio das dores”.

(Mateus 24:8)

Christian Druthmarus (850 d.C.):

“Nós lemos que todas estas coisas aconteceram na Palestina antes da província ser destruída”.⁹²

“Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e vos matarão, e vocês serão odiados de todas as nações por causa do meu nome”. (Mateus 24:9)

Otfrid de Weissenburger 860 d.C.):

“No entanto, deve notar-se que estas coisas faladas pelo Senhor pertence em parte ao cativeiro judaico que foi feito pelos romanos, e em parte para o dia do juízo”.⁹³

“E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo em testemunho a todas as nações”. (Mateus 24:14)

Eusébio de Cesaréia (318 d.C.):

“O Evangelho, então, em um curto período de tempo foi pregado em todo o mundo para as nações, tanto os Bárbaros como os gregos possuíam os escritos sobre Jesus em sua língua materna”.⁹⁴

Crisóstomo (347 d.C.):

“Que, antes da tomada de Jerusalém o Evangelho foi pregado a cada um onde, ouviu o que Paulo diz: O som deles saiu por toda a Terra (Romanos 10:18); e vê-se viajando desde Jerusalém, Espanha... E esta é a prova mais forte do poder de Cristo, que em trinta anos ou um pouco mais, a palavra do Evangelho havia preenchido as extremidades do mundo”.⁹⁵

Bede (735 d.C.):

“Assim histórias eclesiásticas testemunham que isso tinha sido cumprido, em que relatam que todos os apóstolos muito antes da destruição da província da Judéia tinham sido dispersos para o mundo inteiro para pregar o evangelho, a não ser Tiago, filho de Zebedeu e Tiago, irmão de nosso Senhor, que antes havia derramado seu sangue na Judéia para a palavra do evangelho”.⁹⁶

Teofilato de Ocrida (1108 d.C.), expositor de língua grega do que é hoje o país da Bulgária:

“Para o Evangelho ser pregado a todas as nações como uma testemunha, que é, como uma reprovação, a condenação daqueles que não creem, e então virá o fim, não do mundo, mas de Jerusalém. Para a prévia tomada de Jerusalém, o Evangelho já foi pregado, para São Paulo, escrevendo aos Colossenses, fala do Evangelho que foi pregado a toda criatura debaixo do céu. Que Cristo está falando do fim de Jerusalém é claro, pelo que segue”.⁹⁷

O que outros escritores medievais falaram sobre Mateus 24

Até agora foram analisados mais de dez escritores medievais e o que eles escreveram sobre Mateus 24. Citei primeiramente os mais conhecidos. A partir daqui vamos ver o que outros escritores menos conhecidos falaram (há exceção de pelo menos dois que são bem conhecidos).

Dionísio Bar Salibi (12º século), expositor da Síria:

“No final do quadragésimo ano depois da crucificação, em seguida, a devastação de Jerusalém será concluída. Aqui Ele chama a ruína de Jerusalém de o fim”.⁹⁸

Pedro de João Olivi (1282):

“E então o fim, este vem, isto é, o fim de Jerusalém.”⁹⁹

Bar Hebraeus (1.286 d.C.), comentarista sírio:

“E, em seguida, será o fim, ou seja, a destruição de Jerusalém”.¹⁰⁰

Sobre a abominação da desolação, Jerônimo (420 d.C.) cita três interpretações possíveis existentes em sua época (incluindo duas preteristas e uma futurista):

“Mas é capaz de ser entendido simplesmente quer se trate do Anticristo, ou em relação à imagem de César, que Pilatos havia colocado no templo, ou sobre a estátua de Adriano em um cavalo que ele havia erguido no local do santo dos santos”.¹⁰¹

Agostinho (430 d.C.) quando tentou interpretar Mateus 24, ele se utilizou da passagem paralela de Lucas 21 para explicar sobre a abominação da desolação:

“Assim, Lucas deixou claro o que poderia ter sido incerto, que o que foi dito sobre a abominação da desolação se refere ao assédio de Jerusalém, não ao fim do mundo”.¹⁰²

Uma anônima “Scholia” (comentários gramaticais, críticos ou explicativos) de Mateus, datada do nono ou décimo século, diz:

“O que é a abominação da desolação? Ela fala da imagem de Tito, que havia capturado a cidade, e após a destruição de Jerusalém erguido sua própria estátua”.¹⁰³

“Arnold de Villanova (1311 d.C.) realizou uma interpretação futurista da abominação da desolação, mas mencionou que uma interpretação preterista da mesma era atual em seus dias entre os professores em Paris, que acreditavam que “o tempo em que a abominação da desolação foi erguida, foi o tempo em que Tito e Vespasiano colocaram uma imagem de César em Jerusalém”.¹⁰⁴

Reformador czeck, Milic de Kromeríz (1374 d.C.):

“A abominação da desolação, indicando uma desolação futura, começou no mesmo ano com a paixão de Cristo, quando Pilatos

colocou uma imagem no templo, e foi concluída quando Tito e Vespasiano destruíram o templo quarenta e dois anos depois da paixão de Cristo”.¹⁰⁵

Tertuliano (220 d.C.):

“Vespasiano venceu os judeus no primeiro ano de seu reinado, elevando o número de anos para um total de cinquenta e dois, mais seis meses. Ele governou durante onze anos, e por isso, na data do seu assalto a Jerusalém, os judeus tinham completado as setenta semanas preditas por Daniel”.¹⁰⁶

A opinião dos antigos escritores medievais sobre a frase “não passará esta geração”...

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”.

(Mateus 24.32-34)

Esta passagem é muito importante no Preterismo. Ela é um texto indicador do tempo do cumprimento da profecia de Mateus 24, Lucas 21 e Marcos 13. No antigo livro de Perguntas sobre os Evangelhos temos duas interpretações de Mateus 24 - uma preterista e outra futurista:

“Se isso é interpretado como sobre a vindicação pelos romanos, é a atual geração que viveu naquele tempo, mas se ela é interpretada como perto do juízo final, é a geração de todos os seres humanos, ou apenas dos judeus”.¹⁰⁷

Teofilato de Ocrida (1108 d.C.), escreveu sobre Mateus 24:34:

“Alguns têm entendido que todas essas coisas referem-se apenas ao cativo de Jerusalém, e não sobre a segunda vinda, e por isso eles têm interpretado da seguinte forma: Esta geração não passará, ou seja, a geração de vocês apóstolos verá as calamidades que vão acontecer a Jerusalém”.¹⁰⁸

Orígenes que foi um dos primeiros comentadores do evangelho de Mateus, embora não interpretasse de maneira preterista, conhecia em seu tempo uma interpretação preterista:

“É certo que pessoas sem instrução se referem as palavras para a destruição de Jerusalém, e acham que elas foram ditas sobre aquela geração que estava no tempo de Cristo e que viu a sua paixão, que não iria passar antes da destruição daquela cidade”.¹⁰⁹

Em uma das homilias de pseudo-Clemente (220 d.C.), na Homilia 3, ele escreveu sobre a profecia de Cristo em Mateus 24:

“Vedes estes edifícios? Em verdade eu vos digo, não será deixada aqui pedra sobre pedra que não seja tirada; e esta geração não passará até que a destruição comece. Para eles virão, e deve sentar aqui. E da mesma maneira como Ele falou em palavras simples as coisas que estavam perto de acontecer, que nós podemos agora ver com nossos olhos, a fim de que a realização pode estar entre aqueles a quem a palavra era falada”.¹¹⁰

A vinda do Senhor em Mateus 24:27-51 segundo os antigos escritores medievais

“Os Pais da Igreja esmagadoramente preferiram interpretar a vinda de Cristo nessas passagens como Seu retorno pessoal, corporal para julgamento no fim da história. Eles muitas vezes usaram referências cruzadas de Cristo vindo sobre as nuvens [descrito em Mateus 24:30] com Atos 1:11, onde os anjos depois de Sua ascensão disse: ‘Este Jesus, que foi levado de vocês para o céu, virá do mesmo modo como vocês assistiram entrar no céu’. Eles acreditavam que o retorno descrito em Mateus 24:27-51 seria corporal, e não ocorreu no ano 70 d.C., mas irá ocorrer no fim do mundo”.¹¹¹

No livro irlandês de perguntas sobre os Evangelhos, temos a vinda de Cristo de Mateus 24:30 interpretada como “a vinda dos

exércitos dos romanos”, e os anjos do versículo 31 como “anjos vingadores” que estão presentes entre os Romanos”. Esse mesmo livro interpreta a parábola da figueira; “o que é dito sobre o cativo romano. A parábola contém essas coisas. A figueira estava cheia de folhas, mas teve poucas frutas. Assim também eram os judeus naquela época gloriosa, mas poucos deles foram eleitos. Veio sobre eles o verão, ou seja, o fogo queimando sua cidade”.¹¹²

“Outros Pais da Igreja e medievais não se referiram à vinda de Cristo em Mateus 24 ao saque de Jerusalém no 70 d.C., mas interpretaram como algo que não seria a Sua vinda corporal no final do mundo para o último julgamento. Alguns disseram que a vinda poderia se referir a uma vinda espiritual de Cristo na igreja para o fortalecimento e aumento dos seus números. Outros disseram que poderia se referir a uma vinda de Cristo com os seus anjos para receber a alma no momento da morte. Outros afirmaram que falou da vinda de Cristo a residir na alma. Ainda outros escritores interpretaram a vinda de Cristo como uma vinda escondida, cujo objetivo foi trazer julgamento sobre os ímpios”.¹¹³

Capítulo 9

A destruição de Jerusalém na antiga interpretação de Atos 2:19-27

“E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.

Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça.

O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor.

E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela.

Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado.

Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança, porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”.

(Atos 2:19-27)

Conforme já vimos no início deste e-book, os “*últimos dias*” descritos no Novo Testamento foram os últimos dias da era judaica. É interessante que o apóstolo Pedro aplicou para os dias em que ele estava vivendo a profecia do derramamento do Espírito Santo descrita em Joel 2 (observe que essa profecia se cumpriria somente nos últimos dias). Os dispensacionalistas acreditam que essa profecia de Joel ainda aguarda um cumprimento futuro, ou seria uma profecia de duplo cumprimento. Mas, não é o que o texto diz, pois claramente se lê que o Espírito Santo seria derramado nos “*últimos dias*”, como de fato aconteceu.

Desde a mais remota antiguidade, diversos escritores têm afirmado que a profecia de Joel 2 e os acontecimentos apocalípticos tais como “prodígios”, “sangue”, ou “sol se escurecendo”, foram cumpridos ainda no tempo dos apóstolos. O bispo e escritor eclesiástico chamado Teodoro de Mopsuéstia (350-428 d.C.), escreveu o seguinte sobre Joel 2:

“Tudo aconteceu na realidade no tempo de Cristo, o Senhor – o sol foi realmente escurecido e a lua com ele, grandes presságios ocorreram no céu e muitos na terra, e o sangue salvador de Cristo apareceu, assim como o fogo, de acordo com a ação particular de visita do Espírito...”¹¹⁴

Na igreja síria, o patriarca Timóteo I (781 d. C.), escreveu uma Apologia para o Cristianismo endereçada para o muçulmano califa Mahdi:

“Através de outro profeta, chamado Joel, Deus revelou os sinais que ocorreria no momento da dissolução da Torá e da criação do Evangelho e os sinais relativos ao Espírito - Paráclito que receberiam os Apóstolos, os comandantes do exército do

Evangelho, porque Ele disse através dele: “E depois derramarei do meu espírito sobre toda a carne, e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, e vossos velhos sonharão sonhos, e os teus jovens verão visões. E sobre os meus servos e em minhas servas derramarei meu espírito naqueles dias.

Disse sobre o Espírito-Paráclito que desceu sobre os Apóstolos após a Ascensão de Jesus ao céu, de acordo com a promessa de que Ele tinha feito anteriormente. E o profeta acrescenta: ‘E mostrarei maravilhas nos céus e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue.

Isto aconteceu na Paixão de Jesus Cristo na Cruz”.¹¹⁵

Outro autor sírio que foi bispo de Hadata, chamado Isho'dad De Merv (850 d.C.), escreveu um comentário sobre Atos 2:19. Ele escreveu:

“Eu vou dar sinais nos céus e milagres sobre a terra, alude às coisas que foram feitas na Crucificação; e a isto acrescenta sangue, aludindo à Paixão, durante a qual estas coisas aconteceram, um terremoto, e rasgar de pedras, etc. [...] ...o Sol [sendo] transformado em trevas, e a Lua em sangue, alude aos acontecimentos da Crucificação, o Sol que colocou a cor do tom, e a Lua que se tornou de uma cor sangrenta”.¹¹⁶

Além dessas interpretações de escritos siros, temos expositores de origem grega que associavam que parte do texto de Atos 2 cumpriu-se na destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C., entre eles João Crisóstomo (407 d.C.), bispo de Constantinopla, Ecuemnius de Tricca (século XI).

“O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor”.

Esta linguagem é conhecida na Bíblia como *“linguagem de descrição”* ou *“Universo em colapso”*. Este tipo de linguagem é a expressão mais forte que o profeta encontra no vocabulário humano para descrever a ruína de um povo por causa de seus pecados. Essa

mesma linguagem do Universo em colapso encontramos no Sermão profético de Jesus em Mateus 24:29:

“Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados”.

Essa linguagem simbólica de des-criação do Universo é o que profeticamente narra a ruína de Jerusalém no primeiro século da era cristã. Os modernos preteristas também aplicam o colapso do Universo descrito em Atos 2 para os dias finais de Jerusalém nos anos 67-70 d.C.

Capítulo 10

Somente a Escritura!

Desde o início da minha caminhada na Fé aprendi que o Padrão é somente a Bíblia. Aprendi que tudo em matéria de doutrina e prática eu deveria me basear na Escritura somente e nenhuma outra fonte deveria ser válida. Com o tempo, percebi que no meio protestante/evangélico o chamado Sola Escritura (somente Escritura) era fachada na maioria dos seguimentos, mas na prática a realidade era outra. Já citei nas páginas anteriores um escritor amador de internet que reflete que o Sola Escritura já não é o padrão. Uma pessoa que escreve que não há um único Pai da igreja que cresse no Preterismo, está, na verdade, se baseando em fontes além da Bíblia. Se o Sola Escritura é o Padrão, então, não importa o que fulano ou cicrano escreveu.

Uma vez que a Bíblia é o padrão na interpretação, logo, se está lá escrito que a Besta apareceu nos dias da igreja primitiva, então, devemos crer não importando se algum dos Pais da igreja interpretaram como sendo um evento futuro. A investigação histórica do que os Pais da igreja acreditaram não deve reger a nossa compreensão das Escrituras. Os crentes bereanos deram grande demonstração de que eles, diferente de muitos hoje em dia, estavam **TOTALMENTE CENTRALIZADOS** nas Escrituras:

*“Ora, estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, **examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim**”.*

(Atos 17:11 – o grifo é meu)

Observe que os bereanos não procuraram ajuda no Talmud judaico, nem em comentários vindo dos apóstolos, nem em qualquer outra fonte histórica ou contemporânea, e muitos menos em fantasias que se possa imaginar. A centralidade foi tão somente as Escrituras!

Por fim, muito mais do que a Bíblia em si mesma, é a Pessoa de Jesus Cristo, o Verbo Divino, em quem estão concentrados todos os tesouros da sabedoria e da ciência, é que deve reger a nossa compreensão das Escrituras. É a partir da Pessoa de Cristo que temos a nossa Chave hermenêutica para interpretar todas as coisas.

Conclusão

O que vimos nas páginas anteriores, foram mais de quinze opiniões de escritores antigos e medievais, que acreditavam que algumas porções de Mateus 24, cumpriram-se na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., e que os sinais que antecederam tal evento foram cumpridos historicamente nos tempos da igreja primitiva. Essas interpretações dos escritores antigos foram produzidas muito antes de Alcasar (1613 d.C.) por mais de um milênio.

É muito interessante que as interpretações antigas se assemelham as modernas interpretações preteristas, mostrando assim que a igreja desde os primórdios tem desfrutado de representação contínua. É lamentável que o Preterismo foi muitas vezes extremamente sufocado e teve pouquíssimos adeptos – principalmente nesses dois últimos séculos – mas, o importante é que podemos desmentir a opinião de que o Preterismo, em paralelo com a ascensão do liberalismo, teria surgido só recentemente na história da igreja.

Por outro lado, aquela igreja primitiva que viveu contemporânea dos apóstolos, viveu em seu futuro imediato, a ansiosa espera pelo cumprimento das profecias, que depois de cumpridas, tornaram-se passado, ou Preterismo como chamamos atualmente. Para saber mais profundamente a respeito do Preterismo, convido o leitor para que acesse as *“Obras importantes para pesquisa”* no final deste e-book.

Textos bíblicos com referência temporal

- | | | |
|---------------------|-----------------------|----------------------|
| 1. Mateus 3:2 | 27. João 14:18,20,22 | 53. Tiago 5:7 |
| 2. Mateus 3:7 | 28. João 21:22 | 54. Tiago 5:8 |
| 3. Mateus 3:10 | 29. Atos 2:16-17 | 55. 1ª Pedro 1:20 |
| 4. Mateus 3:12 | 30. Rom. 13:11-12 | 56. 1ª Pedro 4:7 |
| 5. Mateus 4:17 | 31. Romanos 16:20 | 57. 1ª Pedro 4:17 |
| 6. Mateus 10:7 | 32. 1ª Coríntios 7:29 | 58. 2ª Pedro 2:3 |
| 7. Mateus 10:23 | 33. 1ª Coríntios 7:31 | 59. 2ª Pedro 3:3,5 |
| 8. Mateus 12:32 | 34. 1ª Cor. 10:11 | 60. 2ª Pedro 3:10-12 |
| 9. Mateus 16:27 | 35. Efésios 1:21 | 61. 1ª João 2:8 |
| 10. Mateus 16:28 | 36. Filipenses 4:5 | 62. 1ª João 2:17 |
| 11. Mateus 21:40-45 | 37. Colossenses 1:23 | 63. 1ª João 2:18 |
| 12. Mateus 24:34 | 38. 1ª Tess. 5:23 | 64. 1ª João 4:3 |
| 13. Mateus 26:64 | 39. 1ª Tim. 6:14 | 65. Judas 1:4, 14-15 |
| 14. Marcos 1:15 | 40. 2ª Tim. 3:1-9 | 66. Judas 1:17-19 |
| 15. Marcos 12:9,12 | 41. Hebreus 1:1-2 | 67. Apocalipse 1:1 |
| 16. Marcos 13:30 | 42. Hebreus 2:5 | 68. Apocalipse 1:3 |
| 17. Lucas 3:7 | 43. Hebreus 6:5 | 69. Apocalipse 2:25 |
| 18. Lucas 3:9 | 44. Hebreus 6:7-8 | 70. Apocalipse 3:10 |
| 19. Lucas 3:17 | 45. Hebreus 8:13 | 71. Apocalipse 3:11 |
| 20. Lucas 10:9 | 46. Hebreus 9:8-10 | 72. Apocalipse 12:5 |
| 21. Lucas 10:11 | 47. Hebreus 9:11 | 73. Apocalipse 18:24 |
| 22. Lucas 20:15-19 | 48. Hebreus 9:26 | 74. Apocalipse 22:6 |
| 23. Lucas 21:22 | 49. Hebreus 10:25 | 75. Apocalipse 22:7 |
| 24. Lucas 21:32 | 50. Hebreus 10:27 | 76. Apocalipse 22:10 |
| 25. Lucas 23:28-30 | 51. Hebreus 10:37 | 77. Apocalipse 22:12 |
| 26. Lucas 24:21 | 52. Tiago 5:1,3 | 78. Apocalipse 22:20 |

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo

Desmascarando o Dogma Dispensacionalista

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Bibliografia...

1. Artigo: Os Primeiros Cristãos eram Socialistas?
Texto originalmente publicado no jornal boliviano El Día.
Autor: Alberto Mansueti
Site do autor: <http://albertomansueti.com/>
Tradução: Márcio Santana Sobrinho
Fonte: www.monergismo.com
Acessado dia 12/04/2015
2. Artigo: Aguardando Novos Céus e Nova Terra: Um Estudo de 2ª Pedro 3
Autor: David Chilton
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Fonte: Revista Cristã Última Chamada, Junho de 2012, pg. 3
Site: www.revistacrista.org
3. Idem nº 2, pg. 4.
4. E-book: Mateus 24 e a vinda de Cristo, pg. 22.
Comentário versículo por versículo
Autor: César Francisco Raymundo
Site: www.revistacrista.org
5. E-book: The Early Church and the End of the World, pg. 10.
Autores: Gary DeMar & Francis X. Gumerlock
Copyright © 2006 - American Vision
Site: www.AmericanVision.org
6. Idem nº 5.
7. Mal Couch, "Answer to Question 4":
www.ConservativeOnline.org/questions/dispensationalism/_questions/htm
Acessado Sábado, 15 de Outubro de 2016
8. William Kerr, "The Lord's Return in Patristic Literature," Understanding the Times: Prophetic Messages Delivered at the 2nd International Congress on Prophecy, New York City, eds. William Culbertson and Herman B. Centz (Grand Rapids, MI: Zondervan.)

9. Kerr, "The Lord's Return in Patristic Literature," 84-85
10. Idem nº 5, pg. 23.
11. Artigo: Maximalismo e Minimalismo na Pesquisa Histórica do Antigo Israel
Autor: Jones Mendonça
Site: www.numinosumteologia.blogspot.com.br
Acessado Domingo, 16 de Outubro de 2016
12. Artigo: Lançados vivos no Lago de Fogo
Autor: A. Franco
Site: www.agrandecidade.com
Acessado Domingo, 16 de Outubro de 2016
13. Idem nº 5, pg. 26.
14. Idem nº 5, pg. 27.
15. Thomas Ice, "Update on Pre-Darby Rapture Statements and Other Issues":
audio tape (December 1995).
16. Idem nº 5, pg. 34.
17. Louis Berkhof, *The History of Christian Doctrines* (London: The Banner of Truth Trust, [1937 1969], 262). A similar conclusion is made by Charles E. Hill, *Regnum Caelorum: Patterns of Millennial Thought in Early Christianity* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001).
18. Lampe, "A.D. 70 in Christian Reflection," 157.
19. Idem nº 5, pg. 35.
20. Idem nº 5, pg. 36.
21. Idem nº 5, pg. 36.
22. Artigo: Eusébio de Cesaréia
Autor: Justo Gonzales
Site: www.monergismo.com
Acessado Segunda-feira, 17 de Outubro de 2016
23. W. J. Ferrar, "Introduction," *The Proof of the Gospel*, ed. trans. W. J. Ferrar, 2 vols in 1 (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1981), xiv. Emphasis added.
24. Ice, "The History of Preterism," 42.
25. Eusebius, *Proof of the Gospel*, 2:138, 403 (b-c).

26. Eusebius, Proof of the Gospel, 2:139, 404.
27. (Eusebius of Caesarea, The Proof of the Gospel, vol. 1 (New York: Macmillan, 1920), 158. Although Eusebius' Ecclesiastical History and Proof of the Gospel are in English translation, the extant fragments of his Commentaries on Luke, which contain a lot of commentary on Luke 21, are still in Greek (with Latin translation) in PG 24:529–606.
28. Eusebius, The Proof the Gospel, 1:97-98, (83c).
29. Eusebius, The Proof the Gospel, 2:26-27, (285-286). Emphasis added.
30. Eusebius, The Proof the Gospel, 2:28 (287c).
31. Eusebius, The Proof the Gospel, 2:31 (289d).
32. Eusebius, The Proof the Gospel, 2:147 (413).
33. Idem nº 5, pg. 46.
34. Livro: Cartas aos Coríntios (1ª Clemente 5:1-7)
Autor: São Clemente Romano
35. Idem nº 5, pg. 27.
36. William Cave, Antiquitates Apostolicae or, the History of the Lives, Acts and Martyrdoms of the Holy Apostles of Our Saviour (London: R. Norton, 1672), 193.
37. Revista Cristã Última Chamada, pg. 12 - Agosto de 2012
Seção Profecia > Um Guia de Dez Minutos para a Profecia Bíblica
Site: www.revistacrista.org/Revista_Agosto_de_2012.htm
Acessado Quinta-feira, 20 de Outubro de 2016
38. Idem nº 5, pg. 35.
39. Artigo: O Pré-Milenismo-Dispensacionalista na História
Autor: Itard Víctor Camboim de Lima
Site: www.cacp.org.br/o-pre-milenismo-dispensacionalista-na-historia/
Acessado Quinta-feira, 20 de Outubro de 2016
40. Idem nº 5, pg. 57.
41. Dwight Wilson, Armageddon Now! The Premillenarian Response to Russia and Israel Since 1917 (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1991) and Francis X. Gumerlock, The Day and the Hour: Christianity's Perennial

Fascination with Predicting the End of the World (Powder Springs, GA: American Vision, 2000).

42. Leroy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1950), 4 vols.
43. Paul F. Boller, Jr., *Not So!: Popular Myths About America from Columbus to Clinton* (New York: Oxford University Press, 1995) and Paul F. Boller, Jr. and John George, *They Never Said It: A Book of Fake Quotes, Misquotes, and Misleading Attributions* (New York: Oxford University Press, 1989).
44. Gary DeMar, "Christopher Columbus and the Flat Earth Myth," *Biblical Worldview* (November 2005), 4–6, 10; Jeffrey Burton Russell, *Inventing the Flat Earth: Columbus and Modern Historians* (New York: Praeger, 1991); Tom Bethell, *The Politically Incorrect Guide to Science* (Washington, D.C.: Regnery, 2005).
45. Idem nº 5, pg. 58. [adaptado textualmente]
46. Idem nº 5, pg. 59.
47. Idem nº 5, pg. 61.
48. Jeffrey, *Triumphant Return*, 122.
49. Idem nº 5, pg. 63.
50. Idem nº 5, pg. 63.
51. Idem nº 5, pg. 63.
52. Idem nº 5, pg. 64.
53. All the quotations from Eusebius, unless otherwise noted, were taken from Eusebius' *Ecclesiastical History* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1958), book 3, chp. 29, 126.
54. An ancient Greek unit of measure. The word appears once in the New Testament in John 2:6 and refers to about 10 gallons.
55. Irenaeus, *Against Heresies*, V, XXXII, 3–4.
56. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, 1:216.
57. "The earth also shall yield its fruit ten-thousandfold and on each vine there shall be a thousand branches, and each branch shall produce a thousand

clusters, and each cluster produce a thousand grapes, and each grape produce a cor of wine. 6 And those who have hungered shall rejoice: moreover, also, they shall behold marvels every day. 7 For winds shall go forth from before Me to bring every morning the fragrance of aromatic fruits, and at the close of the day clouds distilling the dew of health. 8 And it shall come to pass at that self-same time that the treasury of manna shall again descend from on high, and they will eat of it in those years, because these are they who have come to the consummation of time” (The Twelve Woes that are to Come upon the Earth: The Messiah and the Temporary Messianic Kingdom, 29:5–8).

58. “The Epistle of Barnabas,” Ante-Nicene Fathers, 10 vols. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), 1:146.
59. Idem nº 5, pg. 66.
60. Froom, The Prophetic Faith of Our Fathers, 1:250–251.
61. Idem nº 5, pg. 67.
62. “That is, the Montanist.” This appears in a footnote in ANC.
63. Tertullian, “Against Marcion,” 25:24, The Ante-Nicene Fathers, 3:342.
64. Livro: Manual de Escatologia, pg. 470.
- Uma análise detalhada dos eventos futuros –
Autor: J. Dwight Pentecost, Th.D.
Editora Vida
65. Idem nº 64, pg. 471.
66. Idem nº 5, pg. 70.
67. Justin, “Dialogue with Trypho,” 1:239.
68. Idem nº 5, pg. 71.
69. The Epistle of Ignatius to the Ephesians, chapter 11, in Ante-Nicene Fathers, 1:54. Quoted in Froom, Prophetic Faith, 1:209.
70. The Epistles of Cyprian, Epistle 55.
71. Dialog with Trypho. Farrar, Early Days of Christianity, 433.
72. Justin Martyr, “Dialogue with Trypho,” The Ante-Nicene Fathers: Translations of the Writings of the Fathers down to A.D. 325, eds.

Alexander Roberts and James Donaldson (Grand Rapids, MI: Eerdmans, chap. xxxv, 1:212

73. De Antichristo, 6. Farrar, *Early Days of Christianity*, 433.
74. Farrar, *Early Days of Christianity*, 433.
75. Thiessen, *Lectures in Systematic Theology*, 366.
76. *Idem* nº 5, pg. 93.
77. Eusebius Pamphilus, "Predictions of Christ," *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988), 3:7, 92–94.
78. Eusebius Pamphilus, "Predictions of Christ," 93.
79. Artigo: Por que Jerusalém não é a Babilônia do Apocalipse
Autor: Lucas Banzoli
Site: www.heresiascatolicas.blogspot.com.br/2015/01/por-que-jerusalem-nao-e-babilonia-do.html
Acessado Sexta-feira, 28 de Outubro de 2016
80. Artigo: A Interpretação Preterista do Apocalipse foi Inventada pelos Jesuítas?
Autor: Gary DeMar
Fonte: www.americanvision.org
Publicado em 4 de março de 2013 | por Gary DeMar
Site: www.revistacrista.org
81. *Idem* nº 5, pg. 98.
82. (Titus of Bostra, *Fragments on Luke*. On Luke 21:8. Joseph Sickenberger, ed., Titus von Bostra. *Studien zu dessen Lukashomilien* (Leipzig: J.C. Hinrichs, 1901), 236. Translation from Greek courtesy of Lloyd Pierson of Kalispell, Montana).
83. (Bede, *Commentary on Mark*, Book 4. On Mark 13:5–6; *Commentary on Luke*, Book VI. On Luke 21:8. CCSL 120: 364, 596).
84. (Denis the Carthusian, *Commentary on Matthew*. On Matthew 24:5. *Doctoris Ecstatici D. Dionysii Cartusiani Opera Omnia* [hereafter=*Opera Omnia*], Vol. 11 (Monstrolii: Typis Cartusiae S. M. De Pratis, 1890), 259.

85. (Cited in John Henry Cardinal Newman, trans., *Catena Aurea. Commentary on the Four Gospels Collected Out of the Works of the Fathers by St. Thomas Aquinas*. Vol. 3: *St. Luke*. (London: Saint Austin Press, 1997), 677).
86. (Rabanus Maurus, *Exposition of Matthew*, Book 6. On Matthew 24:6. CCCM 174A: 613).
87. (Ralph of Laon, *Ordinary Gloss*. On Matthew 24:6. PL 114: 161).
88. (Anonymous, *Incomplete Work on Matthew*. On Matthew 24:7. Cited in Manlio Simonetti, ed., *Ancient Christian Commentary on Scripture: New Testament I b. Matthew 14–28* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002), 189).
89. (Anonymous, *Book of Questions on the Gospels*. On Matthew 24:7. CCSL 108F:374).
90. (Otfrid of Weissenburger, *Glosses on Matthew*. On Matthew 24:7. CCCM 200:298).
91. (Theophylact of Ochrida, *Commentary on Luke*. On Luke 21:5–11. Christopher Stade, trans., *The Explanation by Blessed Theophylact of the Holy Gospel According to St. Luke* (House Springs, MO: Chrysostom Press, 1997), 270–1).
92. (Christian Druthmarus, *Exposition of Matthew*. On Matthew 24:8. PL 106:1455).
93. (Otfrid of Weissenburger, *Glosses on Matthew*. On Matthew 24:9. CCCM 200:298).
94. (Eusebius of Caesarea, *The Proof of the Gospel*, vol. 1 (New York: Macmillan, 1920), 158. Although Eusebius' *Ecclesiastical History and Proof of the Gospel* are in English translation, the extant fragments of his *Commentaries on Luke*, which contain a lot of commentary on Luke 21, are still in Greek (with Latin translation) in PG 24:529–606).
95. (John Chrysostom, *Homily 75 on Matthew*. Cited in Newman, *Catena Aurea*, 1:807).

96. (Bede, Commentary on Mark, Book 4. On Mark 13:10. CCSL 120:597. In contrast with the view of Chrysostom and Bede, see Tim LaHaye and Jerry B. Jenkins, *Are We Living in the End Times?* (Wheaton, IL: Tyndale, 1999), 313, who write, “UNIVERSAL GOSPEL PREACHING YET TO COME. Matthew 24:14 is not now being fulfilled, and it won’t be fulfilled until the Tribulation.”)
97. (Theophylact, Commentary on Matthew. On Matthew 24:14. The Explanation by Blessed Theophylact of the Holy Gospel According to St. Matthew [hereafter=Matthew] (House Springs, MO: Chrysostom Press, 1992), 206).
98. Dionysius Bar Salibi, Commentaries on the Gospels. On Matthew 24:14. CSCO, *Scriptores Syri* 15: 31.
99. Peter John Olivi, Lectures on Matthew. On Matthew 24:14. MS: Vat. Lat. 10900, f. 164v.
100. Bar Hebraeus, Commentary on the Gospels. On Matthew 24:14. Wilmot Eardley W. Carr, trans., Gregory Abu’l Faraj commonly called Bar-Hebraeus. *Commentary on the Gospels from the Horreum Mysteriorum* [hereafter=Carr] (London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1925), 57.
101. Jerome, Commentary on Matthew, Book 4. On Matthew 24:15. CCSL 77:226. The interpretation of the abomination of desolation as something that Pilate placed in the temple—either an image, a banner with an eagle on it, or a pig— was common in Syriac commentaries on Matthew. See for example, Margaret Dunlop Gibson, trans., *The Commentaries of Isho’dad of Merv*, vol. 1. *Horae Semiticae* 5 (Cambridge, England: University Press, 1911), 91; Bar Salibi, *Commentaries on the Gospels. On Matthew 24:15. CSCO* 15:31; Bar Hebraeus, *Commentary on the Gospels. On Matthew 24:15. Carr*, 57.
102. Augustine, Epistle 199 to Hesychius, 29. FC 30: 379.
103. Scholia on Matthew. On Matthew 24:15. PG 106:1151.
104. Idem n^o 5, pg. 106.
105. Milic of Kromeriz, On the Antichrist, Ch. 2. In *Matthew of Janov, Regulae Veteris et Novi Testamenti. Vol. 3. Vlastimil Kybal, ed. (Oeniponte: Libraria Universitatis Wagnerana, 1911), 372.*

106. Tertullian, *An Answer to the Jews*, 9. Cited in Gleason L. Archer, trans., *Jerome's Commentary on Daniel* (Grand Rapids, MI: Baker, 1958), 107–108. ANF 3:160.
107. *Book of Questions on the Gospels*. On Matthew 24:34. CCSL 108F:383. Some church fathers interpreted this generation in Matthew 24:34 in a temporal but futuristic manner, as the generation near the end of the world that will see the signs. More common among the fathers was to interpret generation more along the lines of a genus, for example, the human race or the Jewish people (Origen, Jerome), or the faithful who are described in Ps 24:6 as the “generation of those who seek Him” (Chrysostom).
108. Theophylact, *Commentary on Matthew*. On Matthew 24:34–35. Matthew, 210.
109. Origen, *Commentary on Matthew*. On Matthew 24:34. Erich Klostermann, ed., *Origenes Werke XI: Origenes Matthäuserklärung II* (Berlin: Akademie Verlag, 1976), 121. Opponents of preterist interpretations of Matthew 24 often infer that application of a literal-historical hermeneutic will yield a futurist interpretation, but spiritualizing the texts yields a preterist interpretation. Church history does not bear this out. It was Chrysostom, trained in the literal-historical exegetical tradition of Antioch, who brought forth preterist interpretations of prophecies in Matthew 24, not Origen, as seen here, whose allegorical hermeneutic is well known.
110. *Pseudo-Clementine Homilies*, Homily 3.15. ANF 8:241.
111. *Idem* n° 5, pg. 116.
112. *Idem* n° 5, pg. 116.
113. *Idem* n° 5, pg. 116.
114. Theodore of Mopsuestia, *Commentary on Joel*, Ch. 2. Robert C. Hill, trans., *Theodore of Mopsuestia. Commentary on the Twelve Prophets*. *Fathers of the Church 108* (Washington D.C.: Catholic University of America Press, 2004), 119.
115. Timothy I, *Apology for Christianity*. A. Mingana, *Woodbrooke Studies*, Vol. 2 (Cambridge, UK: W. Heffer & Sons Limited, 1928), 49–50.

116. Isho'dad of Merv, Commentary on Acts, Ch. 2. Margaret Dunlop Gibson, trans., *The Commentaries of Isho'dad of Merv, Vol 4. Horae Semiticae* 10 (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1913), 11.